

ORDEM DOS ENFERMEIROS



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL 2010



Grupo de Jovens Enfermeiros

Título: Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal

Autores: Raul Fernandes (Coordenador) Beto Martins, Bruno Maurício, Daniela Matos, Dulce Ferreira, Luís Afonso, Márcia Gouveia, Maria José Goulart, Paulo Dias, Pedro Melo, Pedro Silva e Tânia Morgado

Edição: Ordem dos Enfermeiros - 2010

Grafismo e revisão: Grupo de Jovens Enfermeiros e Gabinete de Comunicação e Imagem

Fotografias: Arquivo Ordem dos Enfermeiros

ISBN: 978-989-8444-03-5

«There is no doubt that what young people strive for is the chance of a decent and productive job from which to build a better future. Take away that hope and you are left with a disillusioned youth trapped in a cycle of working poverty or in danger of detaching from the labour market altogether – thus representing a vast waste of economic potential».

Excerto do Relatório da OIT
Tendências Mundiais do Emprego Jovem 2010

Índice

Prefácio	6
Introdução	7
Contextualização	8
Resultados	12
Dados Nacionais	12
Caracterização da amostra nacional	13
Acesso ao mercado de trabalho	13
Caracterização da situação profissional	14
Experiências no processo de empregabilidade	15
Dados relativos à Secção Regional do Norte	18
Caracterização da amostra	19
Acesso ao mercado de trabalho	19
Caracterização da situação profissional	20
Experiências no processo de empregabilidade	22
Dados relativos à Secção Regional do Centro	23
Caracterização da amostra	24
Acesso ao mercado de trabalho	24
Caracterização da situação profissional	25
Experiências no processo de empregabilidade	27
Dados relativos à Secção Regional do Sul	28
Caracterização da amostra	29
Acesso ao mercado de trabalho	29
Caracterização da situação profissional	30
Experiências no processo de empregabilidade	32
Dados relativos à Secção Regional da Região Autónoma dos Açores	34
Caracterização da amostra	35
Acesso ao mercado de trabalho	35
Caracterização da situação profissional	36
Experiências no processo de empregabilidade	37
Dados relativos à Secção Regional da Região Autónoma da Madeira	38
Caracterização da amostra	39
Acesso ao mercado de trabalho	39
Caracterização da situação profissional	40
Experiências no processo de empregabilidade	41
Conclusão	42
Índice de tabelas	44
Índice de gráficos	45
Bibliografia	47

PREFÁCIO

Caro(a) leitor(a),

Sendo a Ordem dos Enfermeiros (OE), como consta do seu Estatuto, uma «associação pública representativa dos enfermeiros», e tendo como atribuição «zelar pela função social, dignidade e prestígio da profissão de enfermeiro», desde sempre que se preocupou com a integração na profissão dos jovens recém-licenciados.

Contudo, com a consciência que nos últimos anos têm ocorrido transformações no mercado de trabalho que retardam o início da actividade profissional, a atenção da OE sobre este assunto tem vindo a materializar-se de várias formas, sendo uma delas a elaboração de estudos sobre a situação de socioprofissional dos jovens enfermeiros. A monitorização desta área é um compromisso da OE, iniciado em 2009, utilizando os estudos acima referidos como um instrumento para uma política baseada na evidência.

Dadas as necessidades de cuidados de Enfermagem – que a população sente todos os dias e de cujos indicadores já são conhecidos dos decisores políticos – seria expectável que o início de actividade profissional como enfermeiros fosse um eixo prioritário para as melhores respostas em saúde.

Não faz sentido que o Ministério da Saúde tenha diagnosticado as necessidades em termos de recursos humanos e que todos os anos seja mais e mais difícil aos jovens enfermeiros encontrar empregos em unidades de saúde. Não faz sentido que esses jovens, as suas famílias e o Estado invistam na sua formação, para depois enfrentarem o flagelo do desemprego ou terem de trabalhar no estrangeiro para poderem exercer a profissão que escolheram e para a qual estão qualificados.

Para conhecer melhor a realidade que estes jovens vivem, a OE realizou um estudo junto dos enfermeiros que se inscreveram na Ordem desde 1 de Janeiro de 2007 e 31 de Dezembro de 2009. Das respostas obtidas, podemos salientar as seguintes conclusões:

- Do total desta amostra, 19% dos respondentes não estão a exercer a profissão.

- Tal como a OE já vinha a alertar há algum tempo, o tempo que decorre entre a conclusão do curso, a inscrição da Ordem e a entrada no mercado de trabalho tem vindo a aumentar, situando-se entre o período de seis meses a um ano.

- O número de jovens enfermeiros que conseguem emprego fora de Portugal também tem vindo a aumentar, sendo que em 2010 triplicou em relação ao estudo elaborado em 2009.

Numa altura em que os recursos humanos em saúde são uma preocupação global e em que se discute o novo Plano Nacional de Saúde, a OE espera que estes dados sejam um importante alerta de suporte às decisões políticas. O levantamento feito pelo Grupo de Jovens Enfermeiros da OE – a quem expressei publicamente o meu agradecimento – revela dados de extrema importância para a prossecução de uma adequada política de recursos humanos de Enfermagem.

É necessário um novo olhar sobre o emprego em Saúde – e mais concretamente em Enfermagem – que deve ir além da abordagem meramente laboral. Esse olhar deve ser abrangente e implicar uma análise estratégica.

Por isso, considero que o estudo que aqui apresentamos – com destaque para os resultados que ele apresenta – são um convite para acção. Da parte da Ordem dos Enfermeiros tudo faremos para passar a mensagem e para alertar os decisores políticos para a realidade espelhada neste trabalho.

Enf.^a Maria Augusta Sousa

Bastonária da Ordem dos Enfermeiros



Introdução

A análise da situação profissional dos jovens enfermeiros tem uma história recente em Portugal e surgiu ligada à criação, em 2008, dentro da Ordem dos Enfermeiros, de um grupo focado essencialmente nos desafios e dificuldades dos enfermeiros com menor tempo de experiência profissional. A periodicidade deste estudo é anual, sendo esta a sua segunda edição e visa responder ao objectivo geral de monitorizar a situação socioprofissional dos jovens enfermeiros.

Tal como referiremos no capítulo de contextualização, apresentado adiante, definir o grupo etário a que corresponde o termo «jovens» depende do objectivo do estudo. No nosso caso, optamos pela «juventude» enquanto profissional, ou seja, os enfermeiros que têm menos de dois anos de inscrição na OE. Esta condição justifica o aparecimento de respostas de enfermeiros com mais idade.

A metodologia utilizada foi a adaptação do questionário utilizado na primeira edição, em 2009, e sua validação pelo Conselho Directivo e Conselho Jurisdicional da Ordem dos Enfermeiros. O passo seguinte foi transferir o questionário para um software online que recebeu e compilou estatisticamente as respostas fornecidas pelos enfermeiros.

Para que isso ocorresse foi enviado um convite, via *e-mail*, com a hiperligação para o questionário, a todos os enfermeiros inscritos na OE desde 1 de Janeiro de 2007 a 31 de Dezembro de 2009, cujo endereço electrónico estivesse inscrito na base de dados.

Durante o mês de Junho de 2010, foram enviados 10401 convites para resposta ao questionário.

Foram recebidas 945 respostas e 541 notificações de não entrega, o que nos dá uma percentagem de resposta de 9,58%. Em relação ao primeiro estudo, recebemos mais 215 respostas, embora a percentagem não sofra alterações significativas tendo em conta o aumento do número total de e-mails enviados (aproximadamente mais mil mensagens). Foram recebidos dois questionários em branco.

Este documento foi enquadrado pelo prefácio da Digníssima Bastonária da Ordem dos Enfermeiros e por esta introdução, e apresentará uma breve contextualização do tema da empregabilidade dos jovens profissionais ao nível nacional e internacional. Seguidamente divulgam-se os resultados obtidos pela resposta aos questionários, apresentando inicialmente os resultados gerais, seguidos da análise separada pelas cinco Secções Regionais da Ordem dos Enfermeiros. Os resultados foram divididos em quatro subcapítulos para facilitar a organização dos dados e que são: caracterização da amostra, acesso ao mercado de trabalho, caracterização da situação profissional e experiências no processo de empregabilidade.

Na parte final será apresentada a conclusão do estudo, onde realçaremos os resultados mais relevantes.

De forma a compreender certos pontos da análise dos dados é importante conhecer parte da organização interna da OE. Esta é composta por cinco secções regionais: Norte, Centro, Sul, Madeira e Açores. A Secção Regional do Norte engloba os distritos de Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real. A Secção Regional do Centro engloba os distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu. A Secção Regional do Sul abrange os distritos de Beja, Évora, Faro, Lisboa, Portalegre, Santarém e Setúbal. As Secções Regionais dos Açores e da Madeira correspondem as regiões autónomas respectivas.

Esperamos que este documento seja do seu agrado, mas que, acima de tudo, traga alguma luz sobre a névoa que paira sobre esta área. Nesta edição encontrará respostas referentes aos licenciados em Enfermagem nos anos de 2007, 2008 e 2009. De referir que os licenciados em 2007 e 2008 foram igualmente incluídos no estudo do ano anterior, o que significa que podemos, em alguns pontos, realizar comparações com um ano de diferença. A limitação a esta comparação prende-se com as alturas em que os estudos foram realizados – o anterior (de 2009) foram recolhidos os dados no mês de Janeiro e, no estudo actual, os dados foram colhidos em Junho. Esperamos que a continuidade desta monitorização nos indique tendências nesta área.

Contextualização

Num contexto social em mudança tem sido preocupação da Ordem dos Enfermeiros (OE) documentar-se com dados fidedignos para a definição das suas posições. Foi neste sentido que, em 2009, surgiu o primeiro estudo sobre a situação profissional dos jovens enfermeiros em Portugal e que, no ano que corre, se reedita.

Importa esclarecer, antes de outras definições, que o termo «jovens» é muito difuso e pouco clarificado, mesmo no que aos escalões etários diz respeito. A Organização Internacional do Trabalho (adiante designada OIT) define «juventude» no seu relatório «*Global Employment Trends For Youth - 2010*» (Tendências Mundiais do Emprego Jovem) da seguinte forma:

«“Juventude” neste relatório está definido como o grupo etário dos 15 aos 24 anos. Continuam a existir diferenças na forma como os programas nacionais de estatística definem e medem a juventude. Em parte, as definições de “juventude” baseiam-se na finalidade da avaliação. Se o objectivo da avaliação for, por exemplo, a idade de entrada no mercado de trabalho, então a definição estatística dos 15 aos 24 anos pode já não ser válida, tendo em conta que hoje um maior número de jovens adia a sua entrada no mercado de trabalho muito para lá dos 25 anos. Em alternativa, há situações numerosas, especialmente no Mundo em desenvolvimento, onde a idade típica de entrada no mercado de trabalho pode ser bem inferior aos 15 anos, sendo que neste caso a delimitação entre juventude e trabalho infantil torna-se nublada.»

Global Employment Trends for Youth, pág.1, overview

Este estudo da OE adopta este conceito de juventude, adaptando o grupo etário aos objectivos do estudo: definir a situação socioprofissional dos enfermeiros recém-licenciados.

A OIT considera que o desemprego jovem e as situações nas quais os jovens desistem da procura de emprego ou trabalham em condições desadequadas originam custos para a economia, para a sociedade, para o indivíduo e para a sua família. Na verdade, a falta de emprego decente, quando vivido numa fase precoce, ameaça comprometer

as perspectivas de emprego futuro e frequentemente leva a padrões de comportamentos laborais desadequados que duram uma vida, afirma a Organização.

Quando aplicamos este conceito ao campo da saúde aproximamo-nos do discurso e de tomadas de posição da OE sobre o risco do subaproveitamento de enfermeiros, nomeadamente:

«O importante investimento da profissão e dos enfermeiros (...) não tem correspondido o pleno aproveitamento das suas crescentes e mais diferenciadas capacidades de intervenção (...). As repercussões decorrentes do referido subaproveitamento (...) representam um desperdício do potencial das qualificações e competências dos enfermeiros.»

Tomada de Posição sobre Medidas Políticas para o Reconhecimento e Consolidação da Profissão de Enfermagem—Maio 2010

Segundo as conclusões do relatório da OIT, a taxa mundial de desemprego jovem atingiu em 2009 o nível mais alto da história – 13%, correspondendo a 81 milhões de pessoas - e que deverá aumentar ainda este ano. Estes valores terão consequências importantes e mais graves à medida que os novos candidatos ingressam no mercado laboral e aumentam as filas de jovens já desempregados.

A OIT apresentou ainda os seguintes resultados :

- Os índices de desemprego jovem demonstraram ser mais sensíveis aos choques económicos que os índices dos adultos;
- O desemprego jovem estava a diminuir antes da crise económica mas era, ainda, praticamente três vezes superior ao dos adultos;
- As jovens mulheres têm maior dificuldade que os jovens homens para encontrar emprego;
- O impacto desta crise difere por regiões;
- O impacto nas economias desenvolvidas foi severamente mais forte que nas economias em desenvolvimento;
- O emprego temporário não se mostrou sensível à crise, mas cada vez mais jovens trabalhadores assumiram empregos a tempo parcial nos países da União Europeia analisados.

De igual forma, a Comissão Europeia (adiante designado CE) divulgou em 2010 o documento «EU Youth Report» com um olhar especial sobre este grupo etário. Os dados são semelhantes aos revelados pela OIT revelando que os jovens (< 30 anos) estão mais expostos a baixos salários, precariedade e desemprego apesar de beneficiarem de uma melhor educação e diferenciação digital. (gráfico 1)

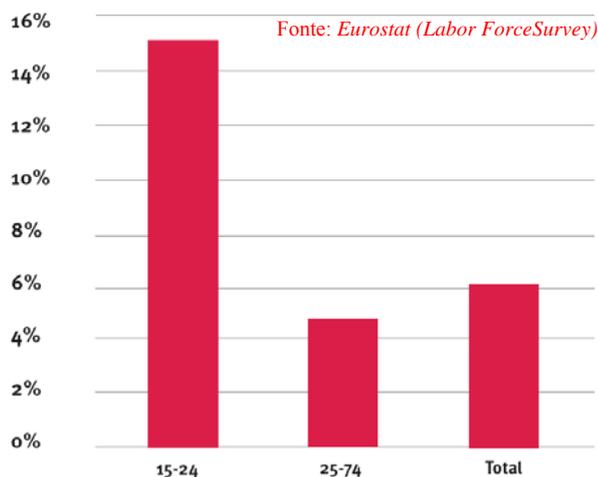


Gráfico 1 – Índice de desemprego por grupo etário, EU Youth Report 2010

É conhecida a relação entre emprego e nível de escolaridade, sendo que as pessoas com um curso de ensino superior têm, segundo o estudo da CE, um risco de desemprego três vezes menor do que os detentores de um curso secundário.

Contudo, independentemente do nível de educação, para uma grande parte dos jovens é significativo o tempo que permeia a transição para o emprego. Quanto mais exigentes são os jovens em termos de salário ou condições de trabalho, por exemplo, mais difícil é encontrar um emprego, o que pode revelar em alguns pontos a desadequação da educação terciária ao mercado de trabalho.

A este respeito, o Jornal I (18 de Agosto de 2010), revelava um esvaziamento recorde do mercado de trabalho pelos jovens em Portugal. Baseado na análise dos dados de empregabilidade do Instituto Nacional de Estatística, o mesmo jornal revelava que o número de jovens empregados em Portugal reduziu para cerca de metade comparativamente há 10 anos, ou seja, de 746 mil jovens em 1998 para 426 mil em 2010, estando a cair há oito trimestres consecutivos.

Na mesma fonte de informação está patente ainda que, juntando os desempregados a estes números, «percebe-se que a população activa jovem (as pessoas entre 15 e os 24 anos com capacidade de trabalhar) está no nível mais baixo de sempre. Estas pessoas estão a abandonar o mercado de trabalho e nada na economia indica que a tendência se vá inverter. O fenómeno não é novo, mas agora agravou-se como nunca.»

Portugal aproxima-se da liderança em todos os índices de desemprego por grupo etário. Para o grupo dos 25-29 anos, países como a Grécia, Portugal, Itália, Espanha, França, Polónia e Eslováquia ultrapassaram os 10% de desemprego. Por sua vez, no desemprego jovem (15-24 anos) houve um decréscimo global de 3% na Europa de 2000 a 2007. Apenas Portugal, Suécia, Hungria e Luxemburgo apresentaram aumentos significativos do desemprego neste grupo etário e durante este período (ver gráfico 2).



Gráfico 2 – Índice de desemprego (15-24 anos) por país, EU Youth Report 2010

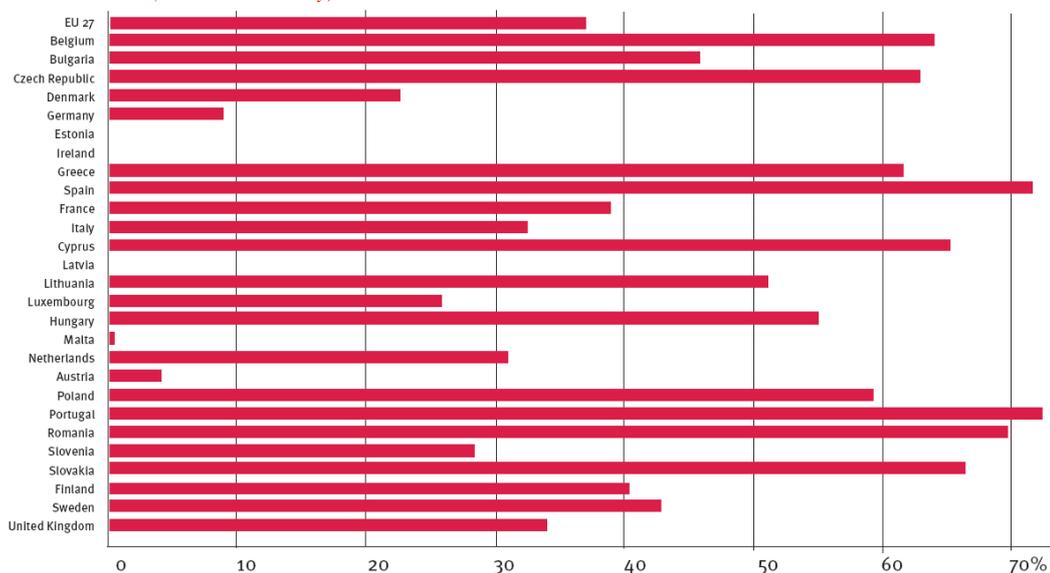
Uma vez completa a transição para o emprego, outra dificuldade se levanta – a procura de emprego estável que permita a estabilização pessoal, compra de casa e/ou criação de família. Segundo o relatório da CE, o uso de contratos temporários está a aumentar, verificando-se que entre 2000 e 2007 esse aumento correspondeu a 5%.

Ao mesmo tempo que mais jovens entram no mercado de trabalho em contratos temporários, estes estão igualmente sobrerrepresentados em empregos a tempo parcial. Estas

duas condições são muitas vezes complementares: um jovem pode ter um trabalho a tempo parcial integrado num contrato temporário.

Portugal, conforme demonstra o gráfico 3, lidera em conjunto com a Grécia a percentagem de jovens em emprego temporário (mais de 70%).

Fonte: Eurostat (Labor Force Survey)



Nota. BE, BG, DE, EL, ES, LT, LU, NL, AT, UK: Dados pouco fiáveis ou incertos devido à reduzida amostra de estudo

Gráfico 3 – Percentagem de jovens (15-24 anos) com emprego temporário porque não encontram um emprego permanente, *EU Youth Report 2010*

De igual relevo é a afirmação da Eurodeputada Emílie Turunen que, em entrevista para o site do Parlamento Europeu sobre o relatório apresentado acerca do emprego dos jovens, revelava que o «número de estágios aumentou muito em países como França e Alemanha, enquanto, no mesmo período, o número de empregos diminuiu. É um bom indicador de que os estágios estão de facto a substituir os empregos e não são poucos, são milhões. É fundamental garantir que os estágios têm um carácter pedagógico e não substituem postos de trabalho.»

No relatório que apresentou ao Parlamento Europeu em Junho de 2010 apelava à criação de «Carta Europeia da Qualidade dos Estágios» que garantisse a vertente pedagógica dos estágios profissionais.

Em Portugal e no que respeita aos enfermeiros, o estudo da OE precedente a este (2009) revelava que 10% dos jovens enfermeiros tinham já exercido em estágio profissional, sendo que destes, 33% não tiveram formação incluída neste estágio.

Recentemente, o Governo alterou a portaria que regulava o Programa de Estágios Profissionais, excluindo deste programa os médicos e os enfermeiros (portaria 681/2010 de 12 Agosto). A justificação dada por Francisco Madelino, Presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional ao Diário Económico de 13 de Agosto de 2010 era que a contratação de médicos e de enfermeiros

não muda em função de haver ou não o apoio do Estado à sua contratação.

Apesar de o Governo considerar que esta é uma «medida facilitadora da integração no mercado de trabalho» segundo a portaria 681/2010 de 12 Agosto, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (adiante designada OCDE) no

documento «Rising Youth Unemployment During The Crisis: How To Prevent Negative Long-Term Consequences On A Generation?» de Abril de 2010 deixava a seguinte nota «enquanto para muitos estes contratos são passos fundamentais para empregos permanentes, para outros estes tendem a ser bicos sem saída».

Uma posição partilhada com o estudo da CE, que revelava a possibilidade do jovem ficar refém de um ciclo de mudança entre contratos instáveis. Este contexto tem servido de base e de motivação para o aumento da emigração de jovens enfermeiros. O estudo da OE de 2009 revelava que 5% dos jovens enfermeiros portugueses estavam a exercer fora de Portugal. Este valor que pode ser inferior à realidade se considerarmos que os enfermeiros a exercer fora de Portugal têm mais dificuldade em responder aos inquéritos realizados no nosso País. Esta percepção é reforçada com diversas notícias emitidas pela comunicação social, referindo o recrutamento de centenas de enfermeiros para a Espanha, Reino Unido e Suíça através de agências de recrutamento.

Este contexto tem servido de base e de motivação para o aumento da imigração de jovens enfermeiros. O estudo da OE de 2009 revelava que 5% dos jovens enfermeiros portugueses estavam a exercer fora de Portugal. Um valor que pode ser inferior à realidade, tendo em consideração que os enfermeiros a exercer fora de Portugal têm mais dificuldade em responder a inquéritos realizados no nosso País.

Esta percepção é reforçada com diversas notícias que saíram na comunicação social, referindo o recrutamento de centenas de enfermeiros para a Espanha, Reino Unido e Suíça através de agências de recrutamento.

Outros dados chave sobre a empregabilidade de jovens na Europa que importa reter com base no estudo *EU Youth Report 2010*:

- 57,5% dos jovens europeus (15 - 29 anos) estão economicamente activos (o que significa que estão empregados ou em busca de emprego);
- Mais de um terço dos jovens nesta faixa etária estão fora do sistema educativo, de emprego ou de formação;
- Em 2008 o desemprego nos jovens europeus economicamente activos (15 – 29 anos) foi de 15,4%, quase três vezes mais que população activa mais velha;
- Metade dos jovens com 20 anos está no mercado de trabalho;
- 26% dos desempregados entre 15 e 24 anos de idade e 35% dos desempregados entre 25 e 29 anos estão nesta situação há mais de 12 meses;
- um terço dos empregados entre 15 e 24 anos de idade são estudantes ou aprendizes;
- Metade dos empregados nesta idade tem baixa formação ou uma ocupação elementar;
- 40% dos empregados entre 15 e 24 anos de idade trabalham com um contrato temporário e 25% estão empregados a tempo parcial;
- 4% dos empregados entre 15 e 24 anos de idade estão empregados por conta própria, percentagem que sobe para 9% nas idades de 25-29 anos.

O sistema educativo não está alheio a este fenómeno e no que respeita aos fenómenos de empregabilidade na Enfermagem Portuguesa tem um papel relevante que seria imprudente não abordar.

A Direcção Geral do Ensino Superior (adiante designada DGESup) divulgou em Junho de 2010 o relatório - «Dez anos de concurso nacional – 2000 -2010» relativo ao processo de acesso ao Ensino Superior em Portugal.

Este relatório revelava que a Enfermagem era, em 2009, o curso com mais vagas no Ensino Superior Português, com um total de 1807 vagas, à frente de Engenharia Civil, Gestão e Medicina. Um aumento muito significativo do número de vagas, que em 2000 se cifrava em 1272.

Em Portugal os candidatos ao Ensino Superior podem escolher seis opções de curso. A procura de determinado curso é calculada através da contabilização do número de candidatos que assinalaram esse curso como primeira opção. A Enfermagem encontrava-se em 2009 como o segundo curso com maior procura em Portugal, sendo o curso de Medicina o mais procurado. O actual mercado laboral tem influenciado tendências inversas de evolução com uma diminuição de procura em relação a Enfermagem (de 4114 para 2579) e um aumento em relação a Medicina (2522 para 3170). Em 2000 as posições neste *ranking* eram inversas, sendo a Enfermagem o curso mais procurado em Portugal.

Quando passamos do número de candidatos para o número de colocados no curso, a Enfermagem regressa ao topo da tabela, com 1778 colocados, seguido de Gestão e Medicina, com 1547 e 1422 respectivamente.

A média da classificação final do Ensino Secundário dos últimos estudantes colocados no curso de Enfermagem ao longo dos anos tem vindo a decrescer segundo os dados da DGESup. Em 2007, numa classificação de 0 a 200 pontos, as médias em 2007, 2008 e 2009 foram respectivamente 146.2; 134.5 e 136.1.

O aumento do tempo de espera para início do exercício profissional pelo enfermeiro e as recorrentes notícias de desemprego na profissão e de fuga para o estrangeiro tem influenciado a procura do curso. Contudo, continua a ser um curso bem visto e pretendido pelos portugueses.

Resultados

Nas páginas que se seguem serão apresentados os resultados da colheita de dados, inicialmente ao nível nacional e seguidamente nas cinco regiões do País.

A estrutura para análise é semelhante ao longo das Secções Regionais, de forma a facilitar a compreensão e comparação dos dados.

Caracterização da amostra nacional

Responderam ao questionário 945 enfermeiros, com idades compreendidas entre os 21 e os 49 anos, apresentam uma média de idades de 24 anos e 6 meses, sendo a idade mais frequente os 24 anos. Ver tabela n.º 1. A amostra é composta por 79% de enfermeiros do sexo feminino e 21% do sexo masculino.

Idade	N.º de Enfermeiros	%
21	2	0,2
22	84	8,9
23	204	21,6
24	257	27,2
25	181	19,1
26	91	9,6
27	49	5,2
28	17	1,8
29	16	1,7
≥30	44	4,7
Total	945	100,0

Tabela 1 – Frequência e percentagem de enfermeiros pela idade - dados nacionais

Responderam 27% de enfermeiros formados em 2007; 30% formados em 2008; e 43% formados em 2009. À semelhança do estudo anterior são os enfermeiros formados mais recentemente que em maior número responde a este questionário. (Ver gráfico 4)

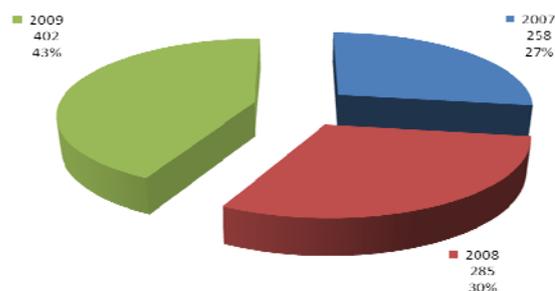


Gráfico 4 – Distribuição de enfermeiros pelo ano de fim do curso – dados nacionais

No que respeita ao mês em que se formaram a grande maioria (74,5%) terminaram o seu curso no mês de Junho ou Julho, seguido dos meses de Janeiro e Fevereiro com 10,5 do total da amostra.

Em Portugal ainda existem algumas escolas de Enfermagem que realizam dois cursos por ano lectivo. Um que termina em Fevereiro e outro em Julho, o que justifica esta distribuição. Ainda assim denota-se que este tipo de entrada se está a tornar vestigial. Os restantes meses dizem respeito a estudantes que, por algum motivo adiaram o final do seu curso. (Ver gráfico 5)

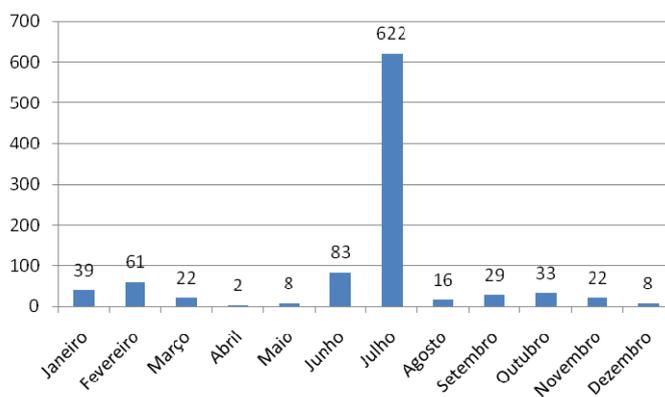


Gráfico 5 – Distribuição de enfermeiros pelo mês de fim do curso – dados nacionais

A maioria (46%) das respostas veio de enfermeiros inscritos na Secção Regional do Norte da OE – ver tabela. 2. Este dado é coerente com as Escolas onde estes enfermeiros se formaram, onde o distrito de implantação predominante é o do Porto (25%), seguido de Lisboa (16%). Ver gráfico 6 na página seguinte.

Secção Regional	N.º de enfermeiros	%
R. A. Açores	37	4%
Centro	213	22%
R. A. Madeira	29	3%
Norte	433	46%
Sul	233	25%
Total	945	100,0

Tabela n.º 2 – Distribuição e percentagem de respostas por Secção Regional

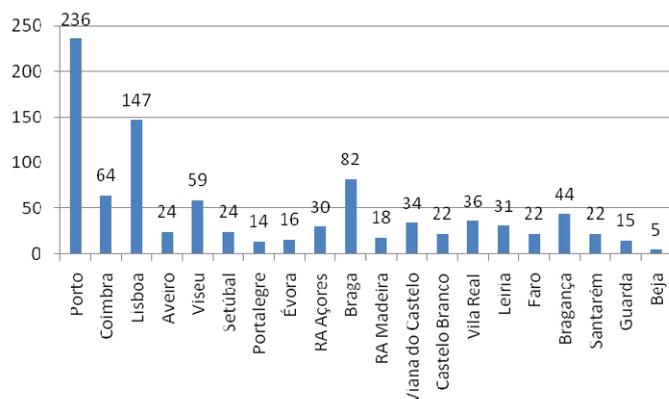


Gráfico 6 – Distribuição pelo distrito de implantação da escola - dados nacionais

Acesso ao mercado de trabalho

Da totalidade da amostra, 19% não estão a exercer a profissão, sendo que 14% não estão a exercer qualquer actividade e 5% estão a trabalhar noutra actividade que não a Enfermagem, como se pode ver no gráfico 7.

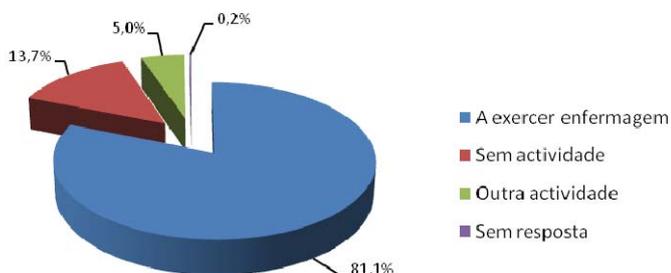


Gráfico 7 – Distribuição dos enfermeiros por situação profissional - dados nacionais

Quando analisamos a situação profissional dos jovens enfermeiros separando por ano de fim de curso observamos que são os enfermeiros formados mais recentemente (2009) que em maior percentagem não está a exercer a profissão (29%). Sendo que 23% (93

enfermeiros) não têm qualquer actividade e 6 % (27 enfermeiros) exercem outra profissão.

Relativamente aos enfermeiros formados em 2007 e 2008 apenas 8,5% e 12,28% ainda não estão a exercer a profissão, tendo sido absorvidos pelas instituições de saúde. (Ver gráfico 8)

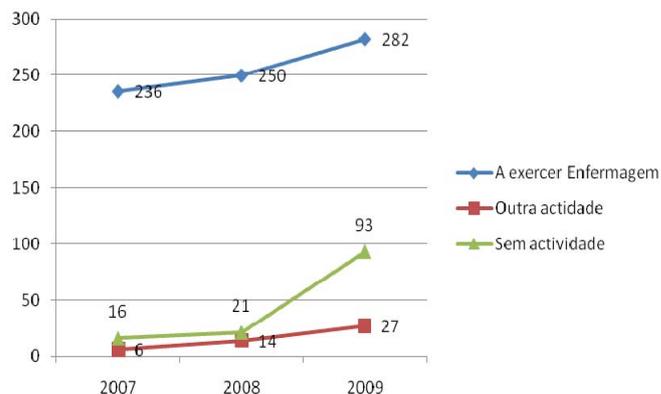


Gráfico 8 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional - dados nacionais

Existe um fenómeno de desemprego que aflige fundamentalmente o Norte, estando 71% dos enfermeiros que não exercem a profissão inscritos nesta Secção. Apesar deste dado ser influenciado pelo maior número de respostas dadas por enfermeiros desta SR, a análise separada por Secção, apresentada mais à frente, demonstra concordância com este resultado. Este fenómeno regional é favorecido pelo maior número de escolas e de vagas nesta região do País.

As regiões autónomas e o a Sul do País são as zonas onde a percentagem de enfermeiros que não exercem a profissão é menor, correspondendo, em conjunto, apenas a 8% do total de enfermeiros nesta situação em Portugal. Ver gráfico 9.

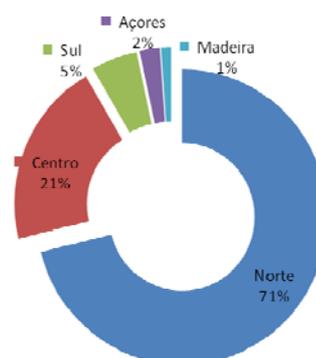


Gráfico 9 – Relação entre a Secção Regional e a percentagem de enfermeiros que não estão a exercer a profissão.

Inquiridos sobre o número de meses que separaram a escola do primeiro emprego, nota-se que a percentagem de enfermeiros que consegue emprego nos primeiros 3 meses depois de terminar o curso tem vindo a diminuir, quando comparado com o estudo do ano passado.

No estudo de 2009 mais de metade (57%) tinham conseguido emprego passados três meses do fim do curso, contra apenas 43% neste novo estudo de 2010.

Por sua vez a percentagem de enfermeiros que inicia actividade entre 6 meses a um ano após o final da formação tem vindo a aumentar desde o estudo de 2009 – 14% nesse ano e 24% em 2010. Em igual crescendo está o número de enfermeiros que conseguiu emprego entre 1 a 2 anos após terminar o curso. (Ver gráfico 10)

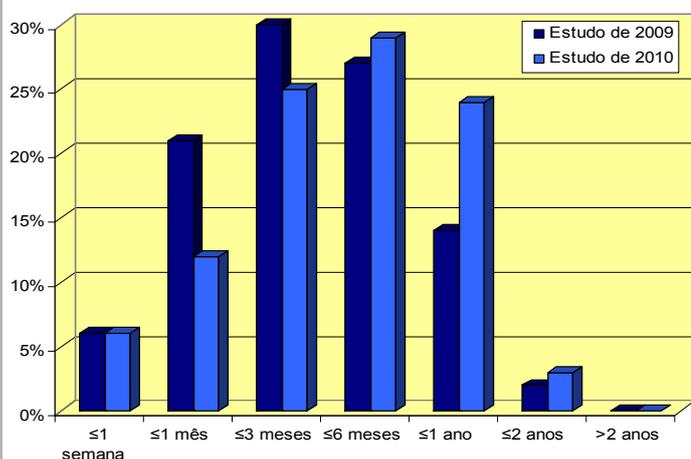


Gráfico 10 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – comparação entre os dados do estudo de 2009 e o de 2010

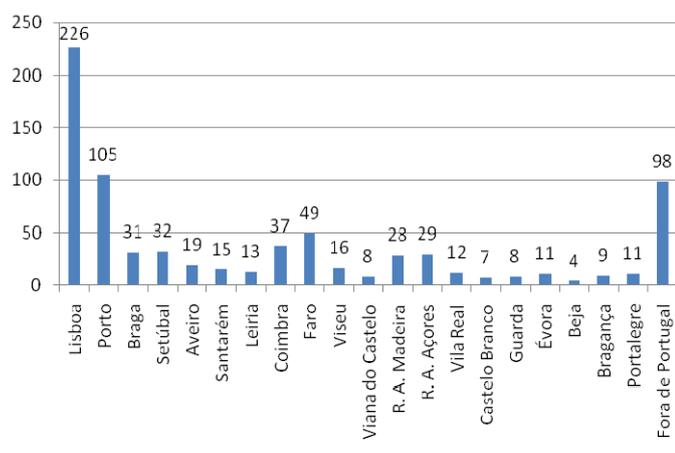


Gráfico 11 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego - Dados nacionais

Apesar de 46% dos respondentes provirem da Secção Regional Norte da OE, foi a Sul do Mondego que 52% encontraram o primeiro emprego, aos quais se somam os 13% que encontraram o primeiro emprego fora do País (ver gráfico 11).

Caracterização da situação profissional

Portugal não foge à tendência internacional de instabilidade nos contratos dos jovens profissionais. Dos enfermeiros inquiridos 39,6% tinham um contrato a termo certo (CTC) ou um contrato de prestação de serviços (CPS). Contudo, 29,6% tinham já um contrato a tempo indeterminado (CTI). Existem 5,3% dos enfermeiros a exercer em estágio profissional remunerado (EPR). Englobados em “Outros” encontram-se respostas como Exercício Liberal, Estágio Profissional Não Remunerado ou Voluntariado e mesmo profissionais que exercem sem qualquer contrato. Os restantes 18,9% correspondem aos enfermeiros que não estão a exercer a profissão (gráfico 12).

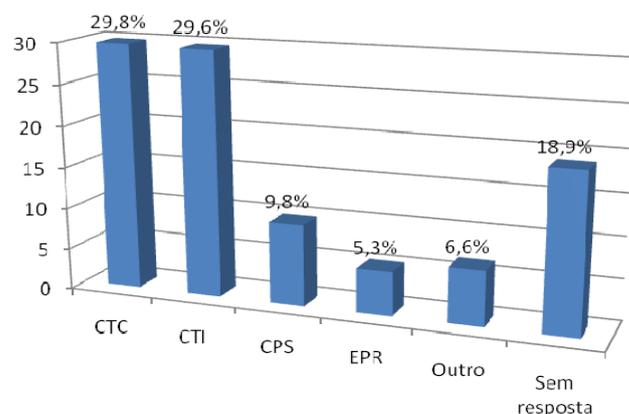


Gráfico 12 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – dados nacionais.

O horário semanal contratado com maior percentagem (35,6%) de jovens enfermeiros é 35 horas, com uma grande proximidade percentual dos horários de 40h semanais (33,5%). Há 5,9% de enfermeiros que exercem a tempo parcial com horários que variam entre menos de 10h até perto de 30h. De igual modo, os restantes 18,9% correspondem aos enfermeiros que não estão a exercer a profissão. Ver gráfico 13 - página seguinte.

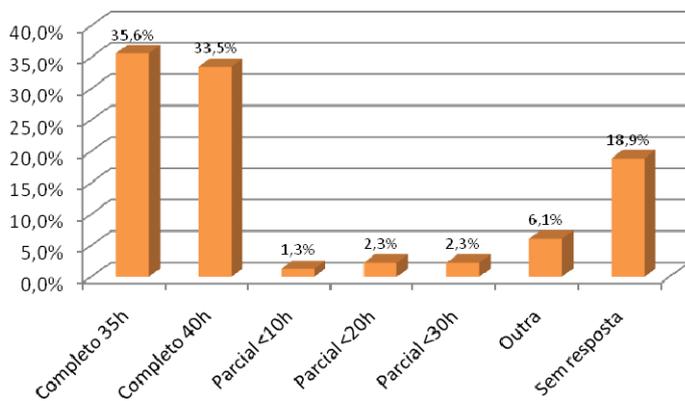


Gráfico 13 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – dados nacionais

Dos jovens enfermeiros inquiridos 12,7% referem exercer em duplo emprego e 1,2% afirmam trabalhar em três locais simultaneamente. Cruzando o exercício em duplo ou triplo emprego com os horários semanais verificamos que 10% têm mais do que um emprego a tempo parcial. Cerca de 41% exercem em média 60h por semana, sendo que os restantes não identificaram a quantidade de horas que exercem no segundo emprego. Não foram identificados enfermeiros que exercem a tempo completo em dois locais em simultâneo.

Na análise por Secção Regional iremos observar com mais clareza que é no Sul onde o duplo emprego tem mais peso, ainda assim, é evidente pelos dados que isto é uma situação residual e que a maioria dos jovens enfermeiros não acumula actividades profissionais.

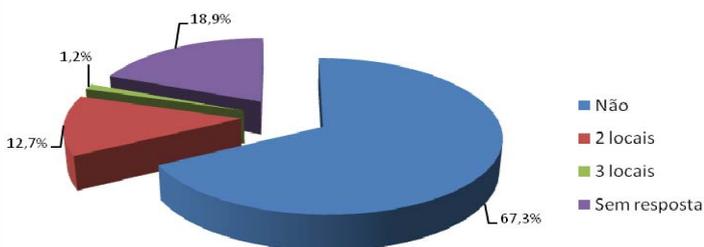


Gráfico 14 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo - dados nacionais

Experiências no processo de empregabilidade

O gráfico 15 representa a resposta dos enfermeiros sem actividade em Enfermagem à pergunta se já tiveram alguma proposta profissional como enfermeiros. Metade dos enfermeiros que se encontram sem emprego nunca

recebeu qualquer oferta de trabalho e 36% aceitaram uma proposta recebida, mas actualmente encontram-se desempregados.

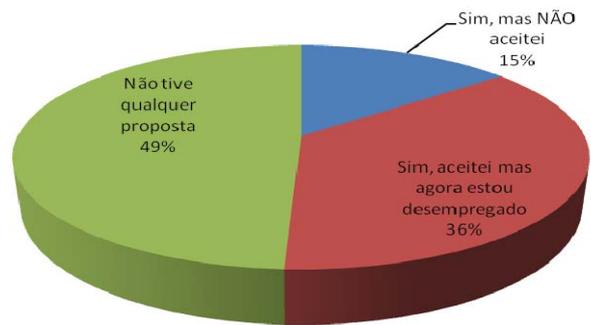


Gráfico 15 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho.

Houve 14% de enfermeiros que receberam propostas de trabalho mas não aceitaram. Os principais motivos para a recusa foram ofertas que implicam estágios profissionais, remuneração baixa ou más condições de trabalho.

Curiosamente, nenhum enfermeiro refere ter recusado ofertas pela necessidade de se deslocar para outra região. Aliás, a análise do gráfico 11 demonstra isso claramente. Contudo, como veremos na análise separada por Secções a maioria dos enfermeiros encontra emprego na região onde tirou o curso.

Verifica-se um aumento significativo do número de enfermeiros que encontraram o seu emprego fora de Portugal, quase triplicando os 5% presentes no estudo anterior (2009) para 13% apresentados neste estudo. É para Espanha que a maioria dos enfermeiros se desloca neste processo, mas Inglaterra, Suíça, Irlanda e França aparecem igualmente como destinos preferenciais (ver gráfico 16).

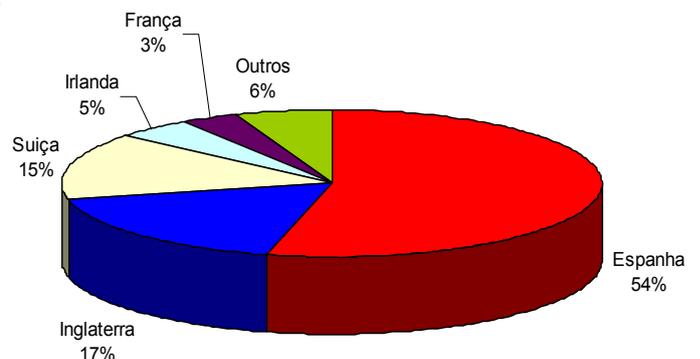


Gráfico 16 – Percentagem de enfermeiros por país de destino – dados nacionais

Actualmente 9.1% dos enfermeiros afirmam exercer fora do País. Estando 5% do total da amostra a trabalhar em Espanha. (Ver tabela 3)

Local de exercício	N.º de Enfermeiros	%
Espanha	47	5,0
França	3	0,3
Suíça	13	1,4
Inglaterra	15	1,6
Irlanda	4	0,4
Andorra	2	0,2
Angola	1	0,1
Brasil	1	0,1
Total	86	9,1

Tabela 3 – Frequência e percentagem de enfermeiros por país onde exercem – dados nacionais

De notar um aumento considerável dos enfermeiros em estágio profissional, que subiram de 10% do estudo anterior (realizado em 2009) para 14,4% neste ano – gráfico 17. Contudo, a desregulação desta forma de empregabilidade ainda é muito evidente, como seguidamente analisamos.

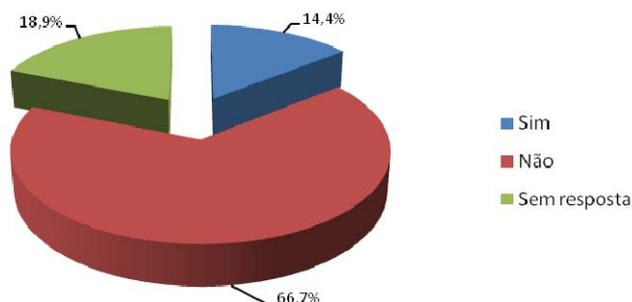


Gráfico 17 – Distribuição de enfermeiros pela resposta à pergunta exerce ou já exerceu em estágio profissional – dados nacionais.

Em relação aos objectivos de estágio, 68% referiram que os objectivos foram definidos no início do estágio e 32% responderam que não houve apresentação ou definição de objectivos.

No que respeita ao plano de formação, 32% referiram que o plano foi definido e tinha sido ou estava a ser cumprido; 1% referiu que o plano de formação, apesar de definido, não estava a ser cumprido; 21% referiram que não houve plano de formação, mas houve formação incluída nas horas de estágio e praticamente metade das respostas -

46% referiram que não houve plano de formação, nem existe formação dentro do estágio.

Quando analisamos os dados por SR, verificamos que é no Norte e no Centro onde mais se realizam estágios profissionais – gráfico 18. Contudo, se analisarmos pela percentagem por secção, os valores dão o primeiro lugar ao Centro (20,2%), seguido do Norte (12,5%). Os Açores apresentam um valor ainda mais elevado (35,1%), mas tendo em conta o reduzido tamanho da amostra é difícil perceber se este dado é real.

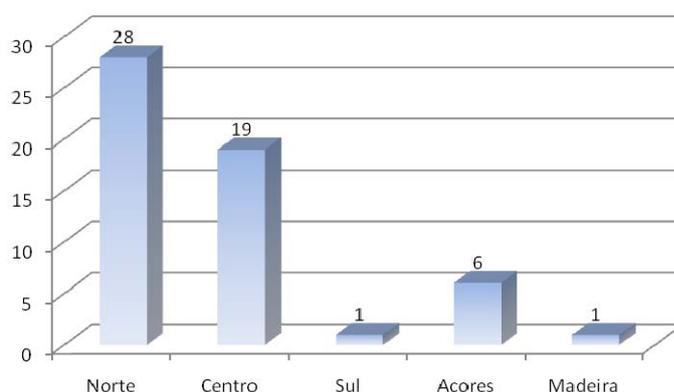


Gráfico 18 – Número de enfermeiros em estágio profissional por Secção Regional – dados nacionais.

A procura de emprego não se apresenta fácil para os jovens enfermeiros tendo sido identificados pelos inquiridos condições/critérios que as instituições colocam para filtrar os candidatos. Neste caso, 48,5% dos enfermeiros já se sentiram alvo destes critérios, um valor ligeiramente superior ao indicado no estudo de 2009 (47%) – tabela 4. Mais à frente neste estudo, quando forem analisados os dados por Secção Regional identificar-se-ão os tipos de critérios que foram estabelecidos pelos empregadores.

	Estudo 2009 N.º de enfs.	Estudo 2009 em %	Estudo 2010 N.º de enfs.	Estudo 2010 em %
Sim	343	47%	459	48,5%
Não	387	53%	488	51,5%
Total	730	100,0	947	100,0

Tabela 4 – Distribuição por frequência e percentagem de respostas à pergunta se lhe foram exigidas condições além dos requisitos legais nas candidaturas a emprego – dados nacionais.

As dificuldades aumentam quando entramos no campo da discriminação na procura de emprego sendo que 34% admitem já ter sido discriminados ou afectados

na sua dignidade profissional neste processo. A maioria relaciona com a forma como são tratados pelas instituições de saúde. No estudo do ano anterior foram 26% os enfermeiros que referiram este sentimento, um aumento que parece vir demonstrando o crescimento de dificuldades no acesso ao emprego.

É neste contexto que surge um dado novo e inédito em Portugal, mas já comum em outros Países – 41,5% dos jovens enfermeiros ponderam ou já ponderaram abandonar a profissão. Ver gráfico 19.

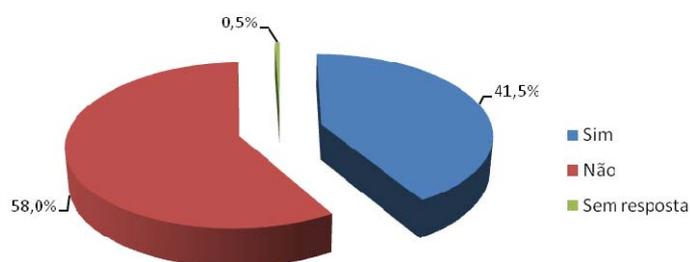


Gráfico 19 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – dados nacionais



Dados Secção Regional do Norte

Ordem dos Enfermeiros



Caracterização da amostra

A amostra relativa à Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros (SRN-OE) engloba um total de 433 enfermeiros, com idades entre os 21 e os 45 anos sendo que 78,6% fazem parte da faixa etária entre os 21 e os 25 anos. Nesta amostra, 79,7% dos inquiridos são do sexo feminino.

Quanto aos distritos de implantação das escolas de onde provêm os inquiridos que estão inscritos nesta secção, o maior número de inquiridos foi preenchido por jovens enfermeiros do Porto com 49,4%, seguidos por Braga com 16,9%, Bragança com 8,1% e Vila Real com 7,9% dos respondentes, sendo que responderam enfermeiros de 16 Distritos de todo o País.

No gráfico seguinte, podemos ver a distribuição dos enfermeiros pelo ano de fim do curso. O ano de 2009 é o ano com mais correspondências com 44%.

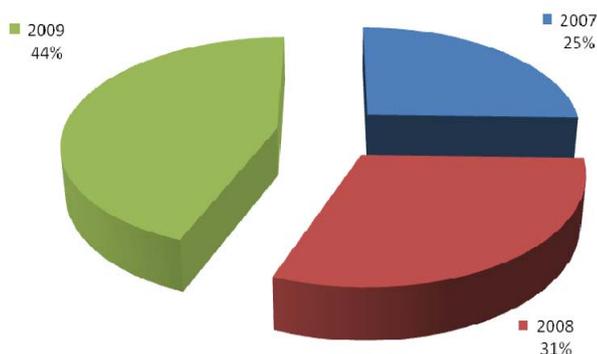


Gráfico 20 – Distribuição dos enfermeiros pelo ano de fim de curso – SR Norte

No gráfico em baixo, observamos que o mês em que mais enfermeiros terminaram o curso foi Julho com 66,3% (287 respondentes), o que é concordante com o facto de a maior parte dos cursos de Enfermagem em Portugal terminarem nesse mês.

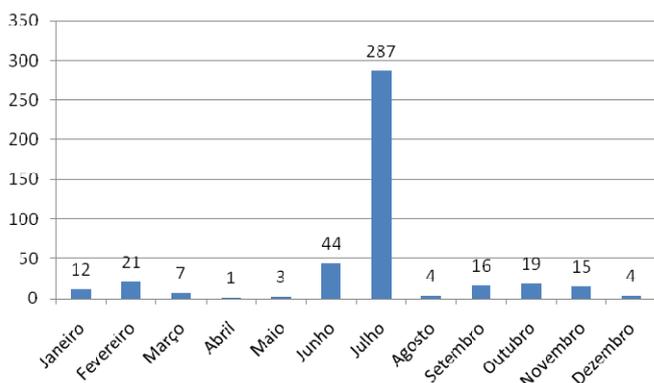


Gráfico 21 – Distribuição dos enfermeiros pelo mês de fim de curso – SR Norte

Acesso ao mercado de trabalho

De seguida podemos constatar que 70,9% dos inquiridos, encontram-se a exercer Enfermagem, contrapondo com 29,1% que não exerce, dos quais 21,0% não desempenha qualquer tipo de actividade e 8,1% desempenha outro tipo de actividade.

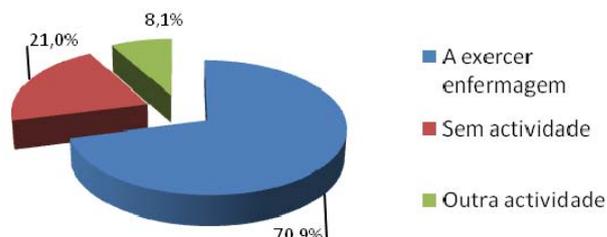


Gráfico 22 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR Norte

Dos enfermeiros que referiram “Outra Actividade”, referiram funções ou actividades que vão desde comércio, administrativo, operador de seguros, formador, docente, análises clínicas, recepcionista, carpinteiro, operador de caixa, empregado de armazém, massagista, telefonista, auxiliar de acção médica, assistente de cabeleireiro, mesoterapeuta.

No gráfico 23 podemos analisar a progressão que tem existido na empregabilidade dos jovens enfermeiros, consoante o ano em que terminaram o curso. Podemos observar que a empregabilidade dos jovens é menor para quem terminou o curso em 2009, do que quem terminou o curso em 2008 ou em 2007, o que nos representa uma relação directa entre o ano de fim de curso e a empregabilidade. Por outro lado, os enfermeiros que exercem outra actividade ou que estão sem actividade têm valores mais altos para quem terminou o curso em 2009.

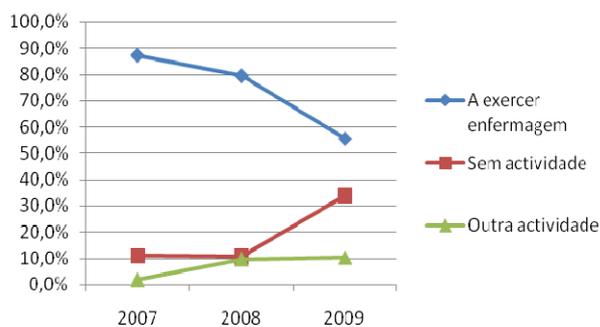


Gráfico 23 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR Norte

No que diz respeito ao tempo que separa o fim do curso e o início da vida profissional, chegamos à conclusão que a maioria dos enfermeiros recém formados esteve entre um mês e um ano à espera para iniciar a sua vida profissional, com 58,7% dos inquiridos, dos quais 45,3% esteve entre três meses e um ano à espera de emprego. Os elementos que não responderam correspondem aos enfermeiros que até à data ainda não encontraram emprego (29,1%).

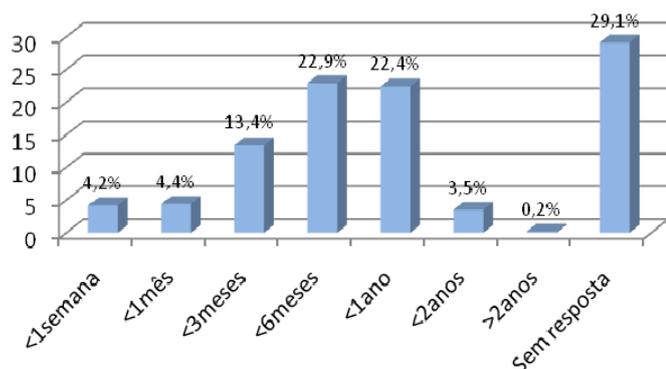


Gráfico 24 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – SR Norte

De entre os inquiridos inscritos na SRN OE, encontram-se jovens enfermeiros que encontraram o primeiro emprego em vários locais do País mesmo fora da área de actuação desta secção. Na tabela seguinte, aglomerando os dados, verificamos que foi a região Norte que ofereceu o primeiro emprego a 45,5% dos enfermeiros, seguido da região sul com 32%, a região centro com 12,8% dos enfermeiros e a RA Açores com 2%.

Distrito	N.º de enfs	%
Porto	100	23,1
Coimbra	12	2,8
Lisboa	27	6,2
Aveiro	10	2,3
Viseu	3	0,7
Setúbal	4	0,9
Portalegre	2	0,5
Évora	3	0,7
RA Açores	1	0,2
Braga	30	6,9
Viana do Castelo	8	1,8
Vila Real	12	2,8
Faro	12	2,8
Bragança	7	1,6
Guarda	2	0,5
Beja	3	0,7
Fora de Portugal	71	16,4
Total	307	70,9
Sem resposta	126	29,1
Total	433	100,0

Tabela 5 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Norte

Caracterização da situação profissional

Relativamente a este parâmetro, notamos no gráfico seguinte que o tipo de contrato que 27% dos inquiridos tem neste momento é a termo certo, seguido pelos contratados por tempo indeterminado com 17,8% e pelos contratados em prestação de serviços com 12% de respostas. Para além destes, aparecem ainda os estágios profissionais remunerados com uma percentagem de 5,5%, Recibos Verdes com 0,2% e outro tipo de vínculo com 8,3%. Dos inquiridos que responderam «Outros» encontram-se repostas como exercício liberal, estágio profissional não remunerado ou regime voluntariado.

Neste gráfico podemos confirmar que há uma grande percentagem significativa (53%) de jovens enfermeiros com um tipo de contrato precário entre os inscritos na SRN OE.

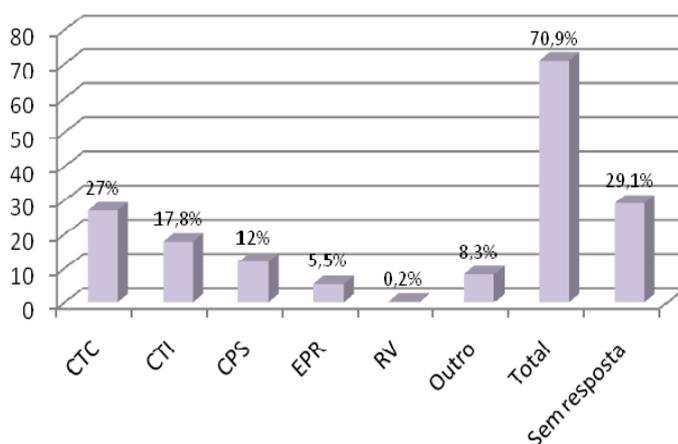


Gráfico 25 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – SR Norte

Quanto ao tipo de horário, verificamos que existem 55,7% dos inquiridos que têm horário completo, 25,9% com 35 horas semanais e 29,8% com 40 horas semanais. Por outro lado, 8,8% dos inquiridos tem horário parcial inferior a 30 horas semanais (gráfico 26).

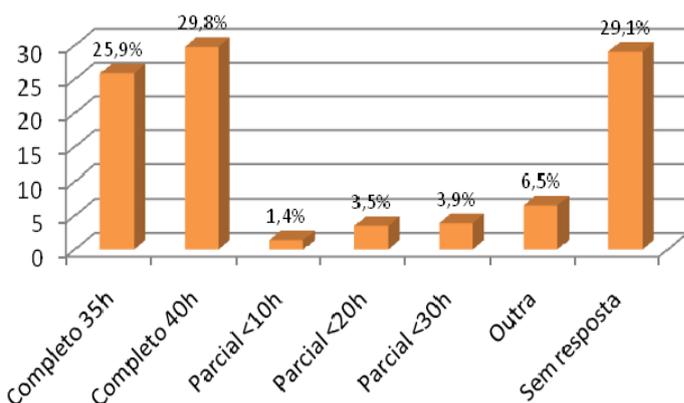


Gráfico 26 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – SR Norte

Há ainda 6,5% que tem outro tipo de horário, correspondendo a horas semanais variáveis ou horários superiores a 40 horas semanais para o que pode contribuir o facto de 10,9% dos inquiridos trabalharem em dois ou três locais diferentes. (gráfico 27)

No gráfico em baixo, verificamos ainda que a maioria dos enfermeiros inquiridos (60,0%) trabalha somente num local. Uma vez mais a percentagem significativa (29,1%) que não respondeu à questão corresponde aos enfermeiros sem emprego.

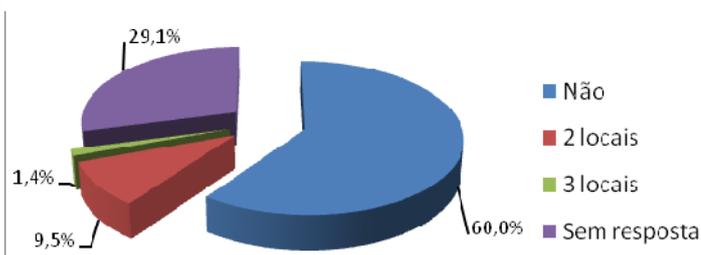


Gráfico 27 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo – SR Norte

A maioria (62%) dos enfermeiros que afirmaram ter mais do que um local de exercício na SRN-OE não descreve qual o seu horário no segundo emprego, mas exercem, pelo menos, num local a tempo inteiro. Por sua vez, 17% afirmam trabalhar até 60h por semana. No Norte existem 21% dos enfermeiros que acumulam dois empregos parciais, não completando, em alguns casos, um horário de 35h. É a única secção onde este valor é tão alto e que espelha condições de precariedade laboral.

No que diz respeito aos jovens enfermeiros que encontraram emprego fora de Portugal e que foram 17,9% dos inquiridos (tabela 6), estes exercem a sua actividade em cinco países distintos dos quais se destacam a Espanha com 12,6% da amostra, França com 7%, havendo também a Suíça, Inglaterra, Irlanda e Angola. (Tabela 6)

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Portugal	252	58,2
Estrangeiro	55	17,9
Sem resposta	126	29,1
Total	433	100,0

Tabela 6 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Norte

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Espanha	33	7,6
França	3	0,7
Suíça	9	2,1
Inglaterra	8	1,8
Irlanda	2	0,5
Andorra	2	0,5
Angola	1	0,2
Total	58	13,4
Sem resposta ou a trabalhar em Portugal	375	86,6
Total	433	100,0

Tabela 7 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Norte

Na tabela seguinte, podemos observar que dos inquiridos que actualmente estão a exercer funções em Portugal, 9,2% também já exerceu no estrangeiro, em países como Espanha, Inglaterra, Suíça e Irlanda.

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Espanha	35	8,1
Espanha e Inglaterra	2	0,5
Suíça	1	0,2
Inglaterra	1	0,2
Irlanda	1	0,2
Total	58	9,2
Sem resposta	393	90,8
Total	433	100,0

Tabela 8 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Norte

Em baixo, observamos que 12,5% dos inquiridos deste estudo frequentaram um estágio profissional no início da sua actividade profissional e 58,4% refere não ter passado por este tipo de experiência profissional.

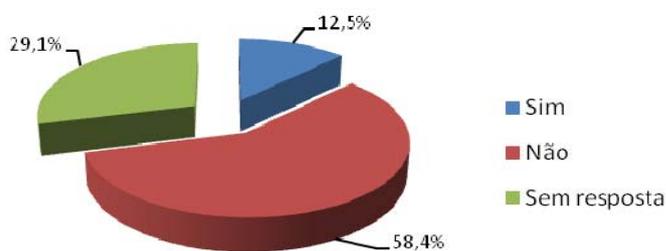


Gráfico 28 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR Norte

Dos inquiridos que realizaram estágio profissional, 59,2% realizaram-no sob orientação de um tutor enfermeiro, 12,8% sob orientação de um tutor de outra profissão e 28% sem tutoria.

Em relação aos objectivos de estágio, 63,2% referiram que os objectivos foram definidos no início do estágio e 36,8% responderam que não houve apresentação ou definição de objectivos.

No que respeita ao plano de formação, 35,2% referiram que o plano foi definido e tinha sido ou estava a ser cumprido; 1,6% referiu que o plano de formação não estava a ser cumprido; 16,8% referiram que não houve plano de formação, mas houve formação incluída nas horas de estágio e 46,4% referiram que não houve plano de formação, nem qualquer formação durante o estágio.

Experiências no processo de empregabilidade

O gráfico 29 refere-se aos inquiridos que na altura do preenchimento do questionário estavam desempregados (21%) e qual o seu tipo de experiência quanto a eventuais propostas de trabalho. Observamos que 25% não teve qualquer proposta; 60% já tiveram uma proposta aceitaram, mas por *terminus* do contrato ou por outro motivo não identificado estão actualmente desempregados; e 15% já teve, pelo menos, uma proposta mas não aceitou. Nesta última situação os motivos referidos para recusar a oferta de trabalho foram por ordem decrescente de referências: remuneração baixa; implicava um estágio profissional não remunerado; más condições de trabalho, funções que não eram de Enfermagem; carga horária pesada; implicava emigração; e por último implicava um estágio profissional remunerado.



Gráfico 29 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho – SR Norte

No processo de procura de emprego 57,5% dos elementos da amostra referiu que lhe foram exigidas condições para além dos requisitos legais.

As condições exigidas, foram muito diversas, mas podemos destacar as mais representativas que são «Ter experiência profissional em Enfermagem», «Ter realizado ensino clínico nessa instituição» ou «Ter residência ou naturalidade na região de influência da instituição».

Parte destes inquiridos (44,6%) sentiu-se discriminado ou afectado na sua dignidade profissional durante a procura de emprego. (tabela 8) Entre estes, as principais queixas referiram-se a questões relacionadas com os métodos de selecção para o posto de trabalho, com vencimentos muito baixos e vínculos muito precários e com o facto de sentirem desprezados/desrespeitados pelas pessoas a quem se dirigiam para entregar o currículo ou para entrevistas de emprego.

	N.º de enfermeiros	%
Sim	193	44,6
Não	240	55,4
Total	433	100,0

Tabela 9 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Norte

Quando questionados se ponderaram abandonar a profissão, 44,6% dos inquiridos responde afirmativamente, o que é elucidativo da desmotivação que os jovens enfermeiros da região norte têm no início da sua carreira profissional.

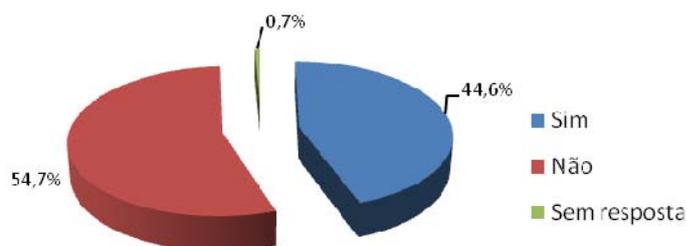


Gráfico 30 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR Norte

Dados Secção Regional do Centro

Ordem dos Enfermeiros



Caracterização da amostra

A amostra relativa à Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros (SRC-OE) engloba um total de 213 enfermeiros, com idades entre os 21 e os 49 anos sendo que 68% fazem parte da faixa etária entre os 23 e os 25 anos. Nesta amostra, 77% dos inquiridos são do sexo feminino. Quanto às cidade\escolas de onde provêm os inquiridos que estão inscritos nesta secção, o maior número de inquiridos foi preenchido por estudantes de Coimbra com 26,3%, seguidos por Viseu com 20,7% e Lisboa com 16,9% dos respondentes.

No gráfico seguinte, podemos ver que os enfermeiros que responderam ao inquérito, terminaram o curso entre 2007 e 2009, sendo 2009 o ano com mais correspondências com 46,5%.

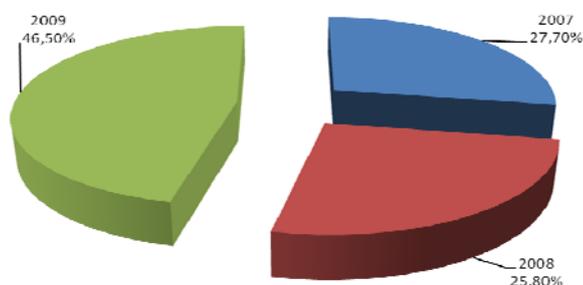


Gráfico 31 – Distribuição dos enfermeiros pelo ano de fim de curso – SR Centro

No gráfico em baixo, observamos que o mês onde mais enfermeiros terminaram o curso foi Julho com 61,5%, o que é concordante com o facto de a maior parte dos cursos de Enfermagem em Portugal terminarem em Julho.

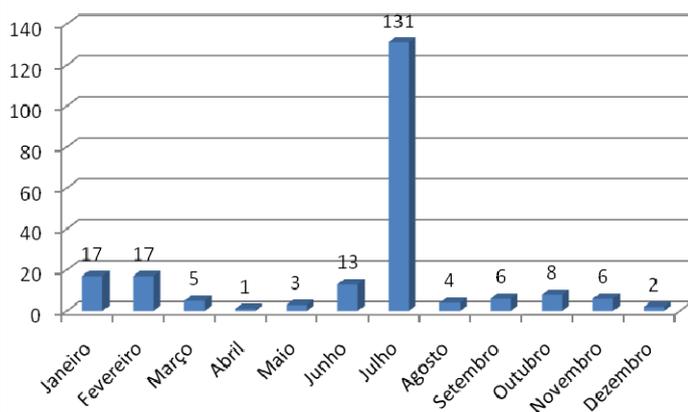


Gráfico 32 – Distribuição dos enfermeiros pelo mês de fim de curso – SR Centro

Acesso ao mercado de trabalho

De seguida podemos constatar que 83,10% dos inquiridos, encontram-se a exercer Enfermagem, contrapondo com 16,90% que não exerce, dos quais 13,10% não desempenha qualquer tipo de actividade e apenas 3,80% desempenha outro tipo de actividade.

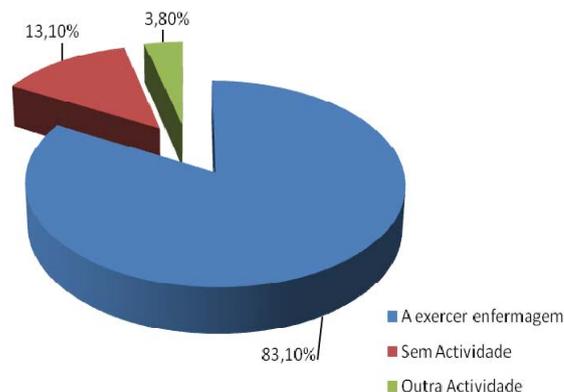


Gráfico 33 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR Centro

Dos enfermeiros que referiram “Outra Actividade”, exercem actividades que vão desde mediadores de seguros, recepcionistas, empregados de balcão, empregados de loja, tripulantes de ambulância, delegados de informação médica ou estão ainda a frequentar algum tipo de formação.

No gráfico seguinte podemos analisar a progressão que tem existido na empregabilidade dos jovens enfermeiros, consoante o ano em que terminaram o curso. Podemos observar que a empregabilidade dos jovens é menor para quem terminou o curso em 2009, do que quem terminou o curso em 2008 ou em 2007, o que nos representa uma relação directa entre o ano de fim de curso e a empregabilidade. Por outro lado, os enfermeiros que exercem outra actividade ou que estão sem actividade têm valores mais altos para quem terminou o curso em 2009.

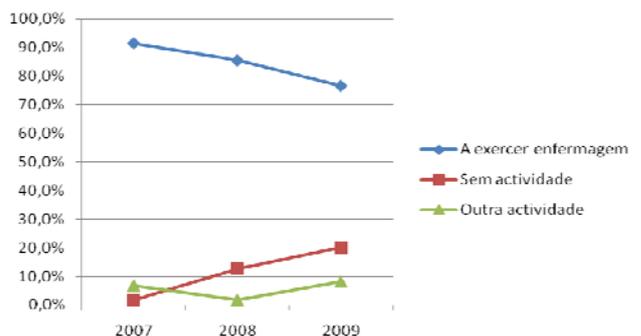


Gráfico 34 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR Centro

No que diz respeito ao tempo entre o fim do curso e o início da vida profissional, chegamos à conclusão que a maioria dos enfermeiros recém formados, esteve entre um mês e um ano à espera para iniciar a sua vida profissional, com 76,3% dos inquiridos, dos quais 25,4% esteve entre três e seis meses à espera de emprego.

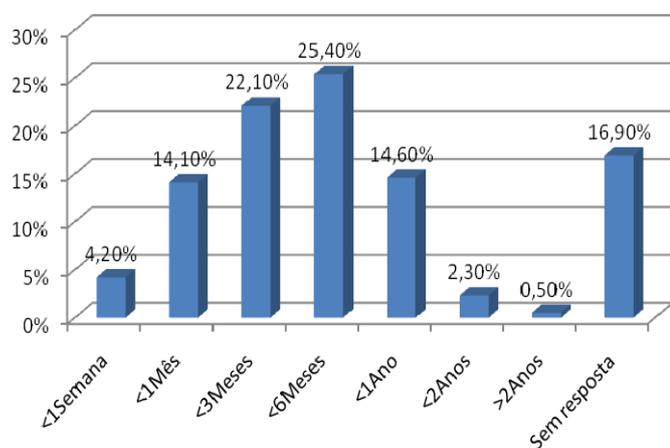


Gráfico 35 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – SR Centro

De entre os inquiridos inscritos na SRC OE, encontram-se jovens enfermeiros que encontraram o primeiro emprego em vários locais do país mesmo fora da área de actuação desta secção. Na tabela seguinte, aglomerando os dados, verificamos que foi a região Sul que ofereceu o primeiro emprego a 89 enfermeiros, seguido da região Centro com 67 e a região norte com 2 enfermeiros.

Distrito	N.º de enfermeiros	%
Porto	1	0,5
Coimbra	24	11,3
Lisboa	67	31,5
Aveiro	8	3,8
Viseu	13	6,1
Setúbal	4	1,9
Portalegre	3	1,4
Évora	2	0,9
Castelo Branco	6	2,8
Leiria	10	4,7
Faro	9	4,2
Bragança	1	0,5
Santarém	4	1,9
Guarda	6	2,8
Fora de Portugal	19	8,9
Total	177	83,1
Sem resposta	36	16,9
Total	213	100,0

Tabela 10 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Centro

Caracterização da situação profissional

Relativamente a este parâmetro, notamos no gráfico seguinte que o tipo de contrato que 31,5% dos inquiridos tem neste momento é a termo certo, seguido pelos contratados por tempo indeterminado com 25,8% e pelos contratados em prestação de serviços com 10,8% de respostas. Para além destes, aparecem ainda com uma percentagem significativa de 8,9% os estágios profissionais remunerados e outro tipo de vínculo com 6,1%. Dos inquiridos que responderam «Outros» encontram-se repostas como exercício liberal, estágio profissional não remunerado ou regime voluntariado.

Neste gráfico podemos confirmar que em termos gerais há uma grande percentagem de jovens enfermeiros com um tipo de contrato precário entre os inscritos na SRC OE.

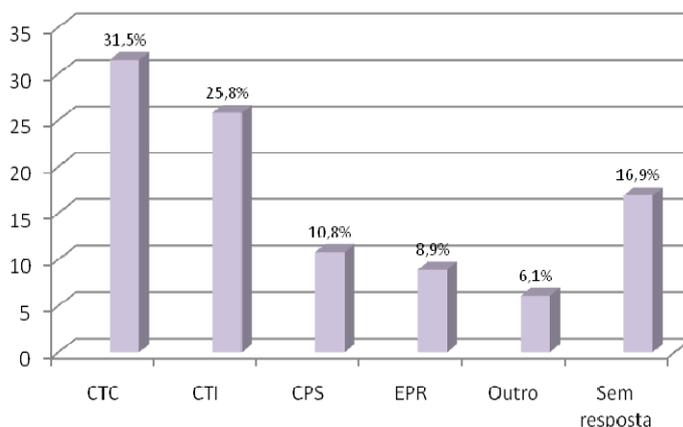


Gráfico 36 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual - SR Centro

Quanto ao tipo de horário, verificamos que existem 72,8% dos inquiridos que têm horário completo, 31,5% com 35 horas semanais e 25,8% com 40 horas semanais. Por outro lado, 4,1% dos inquiridos tem horário parcial inferior a 30 horas semanais dos quais, a maioria tem horários com menos de 10 horas por semana. (gráfico 37)

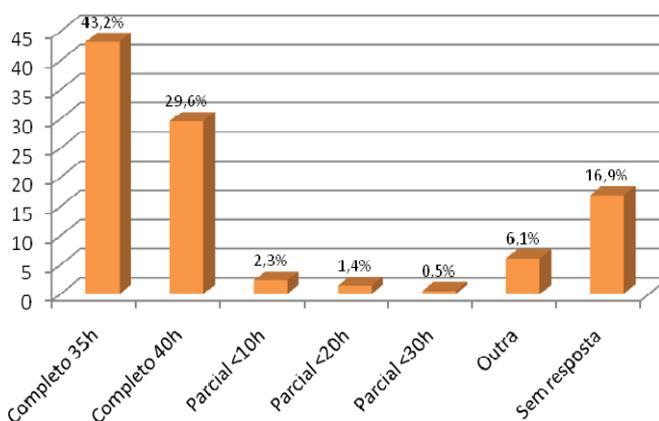


Gráfico 37 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – SR Centro

Há ainda 6,1% que tem outro tipo de horário que são horas semanais variáveis ou horários superiores a 40 horas semanais para o que pode contribuir o facto de 11,7% dos inquiridos trabalharem em dois ou três locais diferentes.

No gráfico 38, verificamos ainda que a grande maioria dos enfermeiros inquiridos (71,4%) trabalham somente num local e que a percentagem significativa (16,9%) não respondeu à questão corresponde aos enfermeiros sem emprego. Todos os enfermeiros que afirmaram ter mais do que um local de exercício na SRC exercem, pelo menos, num local a tempo inteiro.

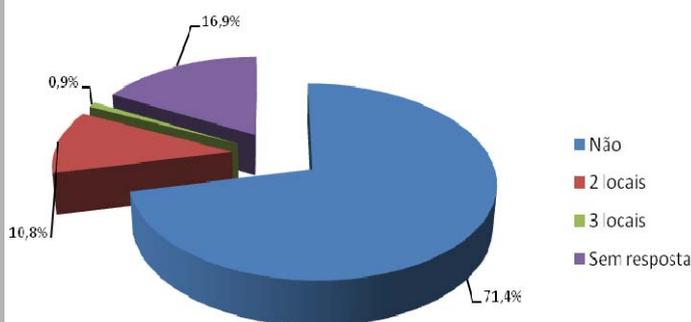


Gráfico 38 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo – SR Centro

No que diz respeito aos jovens enfermeiros que encontraram emprego fora de Portugal e que foram 8,9% dos inquiridos (tabela 11), estes exercem a sua actividade em cinco países distintos dos quais se destacam a Espanha com 5,2% da amostra, e Inglaterra com 1,9%, havendo também a Suíça, a Irlanda e o Brasil. (gráfico 39)

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Portugal	158	74,2
Estrangeiro	19	8,9
Sem resposta	36	16,9
Total	213	100,0

Tabela 11 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Centro

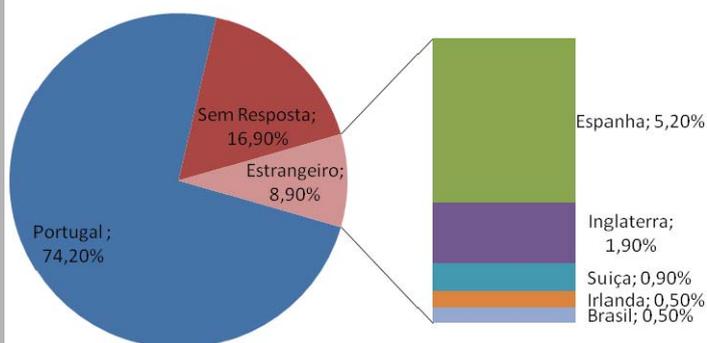


Gráfico 39 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Centro

Na tabela seguinte, podemos observar que dos inquiridos que actualmente estão a exercer funções em Portugal, 2,8% também já exerceu no estrangeiro, em países como Espanha, França e Irlanda.

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Espanha	4	1,8
França	1	0,5
Irlanda	1	0,5
Total	6	2,8

Tabela 12 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Centro

Em baixo, observamos que 20,2% dos inquiridos deste estudo frequentaram estágio profissional no início da sua actividade profissional e 62,9% refere não ter passado por este tipo de experiência profissional.

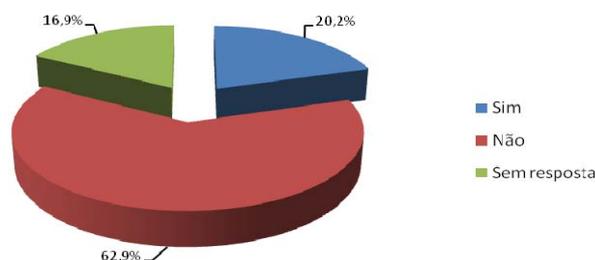


Gráfico 40 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR Centro

Dos enfermeiros que fizeram estágio profissional, 64,4% realizaram-no sob orientação de um tutor enfermeiro, 13,9% sob orientação de um tutor de outra profissão e 25,7% sem tutoria.

Em relação aos objectivos de estágio, 62,9% referiram que os objectivos foram definidos no início do estágio, e 37,1% responderam que não houve apresentação ou definição de objectivos.

No que respeita ao plano de formação, 20,8% referiram que o plano foi definido e tinha sido ou estava a ser cumprido; 2,4% referiram que, apesar de definido, o plano de formação não estava a ser cumprido; 23,3% referiram que não houve plano de formação, mas houve formação incluída nas horas de estágio; e 53,5% referiram que não houve plano de formação nem formação no estágio profissional.

Experiências no processo de empregabilidade

O gráfico 41 refere-se aos inquiridos que na altura do preenchimento do questionário estavam desempregados (13,1%) e qual o seu tipo de experiência quanto a eventuais propostas de trabalho. Observamos que 18% já teve proposta mas não aceitou, 32% não teve qualquer proposta e 50% já tiveram uma proposta aceitaram, mas por *terminus* do contrato ou por outro motivo estão actualmente desempregados.

O principal motivo referido pelos enfermeiros que recusaram propostas de emprego foi que estes implicavam estágios profissionais não remunerados. Surgiram igualmente referências a ofertas para funções que não são de Enfermagem, más condições de trabalho, remuneração baixa e estágio profissional remunerado.



Gráfico 41 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho – SR Centro

No processo de procura de emprego, 46,9% dos elementos da amostra referiu que lhe foram exigidas condições para além dos requisitos legais.

As condições exigidas, foram muito diversas, mas podemos destacar as mais representativas que são «Ter experiência profissional em Enfermagem», «Ter realizado ensino clínico nessa instituição» ou «Ter residência ou naturalidade na região de influência da instituição».

Parte destes inquiridos (28,6%) sentiu-se discriminado ou afectado na sua dignidade profissional durante a procura de emprego. (tabela 13) Entre estes, as principais queixas referiram-se a questões relacionadas com os métodos de selecção para o posto de trabalho, com vencimentos muito baixos e vínculos muito precários e com o facto de sentirem desprezados/desrespeitados pelas pessoas a quem

se dirigiam para entregar o currículo ou para entrevistas de emprego.

	N.º de enfermeiros	%
Sim	61	28,6
Não	152	71,4
Total	213	100,0

Tabela 13 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Centro

Com todos estes factores, quando questionados se ponderaram abandonar a profissão, 40,8% dos inquiridos responde afirmativamente, o que pode ser elucidativo do nível de descontentamento que os jovens enfermeiros têm logo no início da sua carreira profissional.

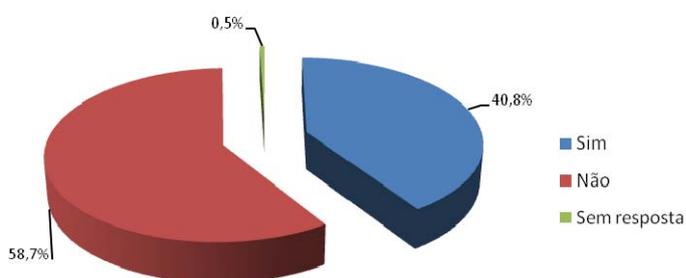


Gráfico 42 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR Centro

Dados Secção Regional do Sul

Ordem dos Enfermeiros



Caracterização da amostra

A amostra relativa à Secção Regional do Sul da Ordem dos Enfermeiros (SRS-OE) engloba um total de 233 enfermeiros, com idades compreendidas entre os 22 e os 45, sendo que a mediana ronda os 24 anos de idade. Houve cinco enfermeiros com idades superiores a 35 anos que responderem a este questionário.

O género da amostra é predominantemente feminino com 79,4% e 20,6% sexo masculino, percentagens semelhantes aos dados gerais da Ordem dos Enfermeiros.

A maior incidência de respostas corresponde a enfermeiros que concluíram o curso em 2009. A maior adesão por parte deste grupo de enfermeiros parece indicar uma maior vivência o processo de empregabilidade.

Os inquiridos, apesar de inscritos na Secção Regional do Sul, são provenientes ou terminaram o seu curso nos 18 distritos de Portugal, sendo as Escolas de Lisboa (44,2%), Setúbal (9%), Santarém (8,6%) e Faro (7,7%) as que mais enfermeiros da SRS formaram. Um dado que se justifica pela proximidade.

Em oposição, as Regiões Autónomas da Madeira e Açores e os distritos de Guarda e Beja são os distritos com menor proveniência de enfermeiros.

Ano de fim do Curso	N.º enfermeiros	%
2007	72	30,9
2008	77	33,0
2009	84	36,1
Total	233	100,0

Tabela 14 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR Sul

Acesso ao mercado de trabalho

Ao nível da Secção Regional do Sul verifica-se que, dos 233 inquiridos, 96,1% estão a exercer como enfermeiros, 0,9% exercem outra actividade e 3% dos enfermeiros da amostra não estavam, no momento do estudo, a exercer qualquer actividade. Os enfermeiros que exerciam outra

actividade correspondiam à coordenação de recursos numa empresa e à função de caixa ajudante.

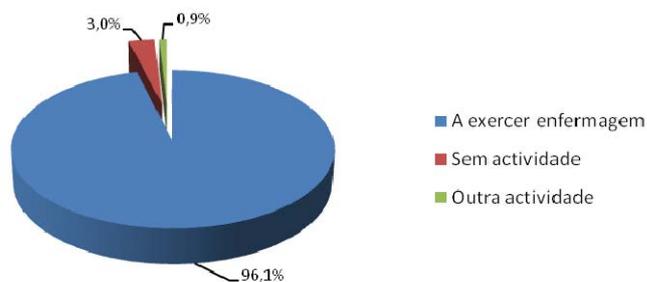


Gráfico 43 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR Sul

Os dados de empregabilidade na SR Sul revelam valores de exercício actual muito altos, o que parece demonstrar que esta zona tem tido capacidade e necessidade de absorver os enfermeiros formados.

A maioria dos enfermeiros (32,6%) desta Secção demorou entre um a três meses a encontrar o primeiro emprego. Da análise vê-se ainda que 17,2% da amostra iniciaram a sua vida profissional antes de passar um mês da graduação e 38,2 entre três meses e um ano. 0,8% da população inquirida demorou mais de 1 ano para iniciar a sua vida profissional e 3,9% não responderam à questão indicada, o que corresponde aos enfermeiros sem actividade em Enfermagem (Gráfico 44).

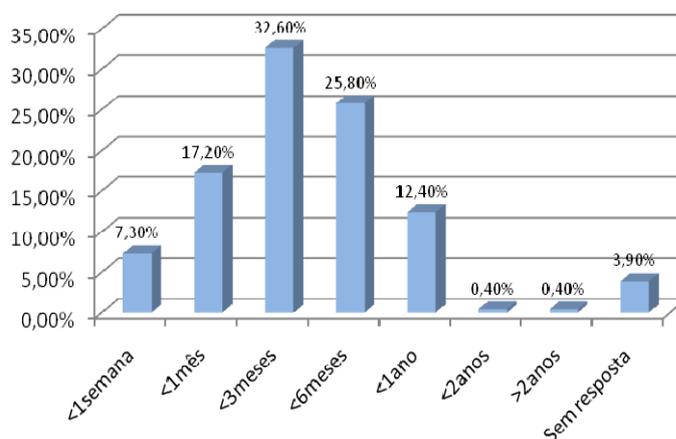


Gráfico 44 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – SR Sul

O gráfico 45 (página seguinte), apresenta a relação entre o ano de fim de curso e a empregabilidade, verifica-se que os enfermeiros que concluíram o curso antes de 2008 encontram-se empregados, praticamente, na totalidade e a exercer como enfermeiros. Apenas alguns enfermeiros

que concluíram o curso no ano de 2009 ainda não exercem a profissão. Pela análise dos dados, não existe uma relação directa e linear entre o ano de fim de curso e a empregabilidade.

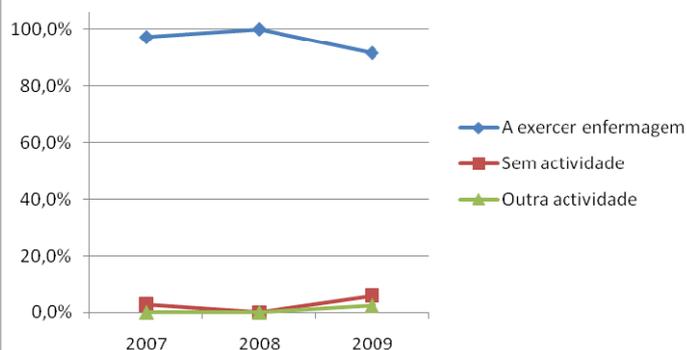


Gráfico 45 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR Sul

Da totalidade das respostas ao nível da Secção Regional do Sul, à pergunta sobre em que distrito encontrou o primeiro emprego, verifica-se que 131 dos inquiridos começou a trabalhar em Lisboa, correspondendo a 56,2% da amostra, seguido por Faro (11,2%), Setúbal (9,9%) e Santarém (4,7%).

Os Distritos/Regiões com menos inquiridos a encontrarem o primeiro emprego foram Coimbra, Aveiro, Região Autónoma dos Açores, Braga, Castelo Branco Bragança e Beja, com apenas um inquirido. Ver tabela 15

Distrito	N.º de enfermeiros	%
Porto	3	1,3
Coimbra	1	0,4
Lisboa	131	56,2
Aveiro	1	0,4
Setúbal	23	9,9
Portalegre	6	2,6
Évora	6	2,6
RA Açores	1	0,4
Braga	1	0,4
RA Madeira	2	0,9
Castelo Branco	1	0,4
Leiria	3	1,3
Faro	26	11,2
Bragança	1	0,4
Santarém	11	4,7
Beja	1	0,4
Fora de Portugal	6	2,6
Total	224	96,1
Sem actividade	9	3,9
Total	233	100,0

Tabela 15 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Sul

Caracterização da situação profissional

Relativamente à situação laboral, 47,2% da população inquirida refere ter um contrato a tempo indeterminado, face a 48,9 % com outro tipo de vínculo à instituição, entre os quais contrato a tempo certo (37,8%), contrato de prestação de serviços (6%) e estágio profissional remunerado (0,4%). Dos inquiridos que responderam “Outros” encontram-se respostas como exercício liberal, estágio profissional não remunerado e regime voluntariado.

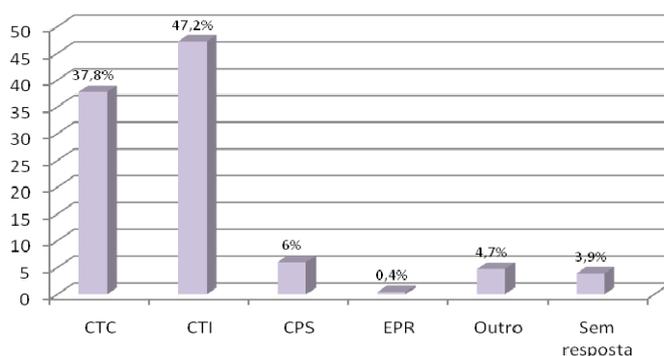


Gráfico 46 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – SR Sul

No que diz respeito ao tipo de horário realizado, os inquiridos indicaram o horário a tempo completo como o mais frequente, com 43,8% dos inquiridos a fazerem 40 horas semanais e 42,5% dos inquiridos com 35h por semana. Apenas 9,9% praticam outro tipo de horário. Esta última percentagem diz respeito a horas semanais variáveis entre 10 e 30 horas (gráfico 47).

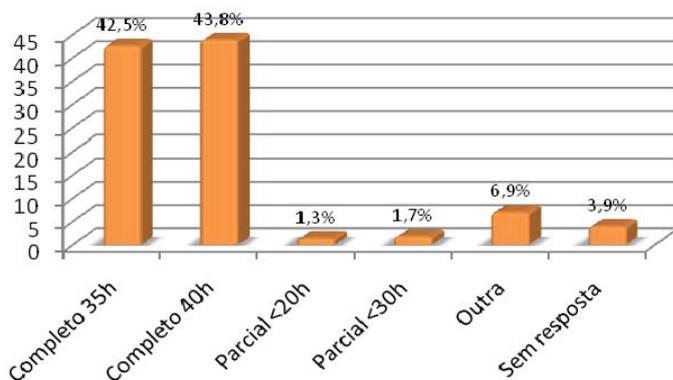


Gráfico 47 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – SR Sul

A percentagem de enfermeiros em duplo ou triplo emprego é 23,7%, correspondendo à secção onde esta situação ocorre em maior percentagem.

Dos enfermeiros em duplo nesta secção apenas 5% acumulam dois empregos parciais que, em alguns casos, não chegam a corresponder a um horário completo. Até 60 horas por semana encontram-se 18% dos enfermeiros, sendo que os restantes afirmaram exercer, pelo menos, num emprego em horário completo mas não referem o número de horas que fazem no segundo emprego.

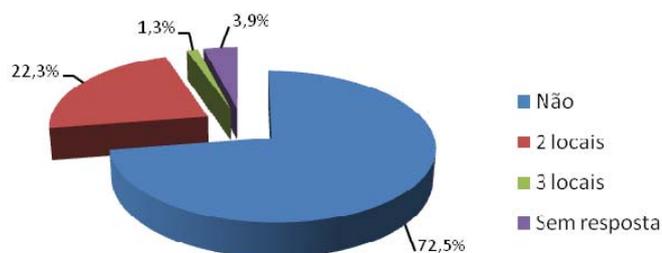


Gráfico 48 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo – SR Sul

Da totalidade da amostra de enfermeiros ao nível da Secção Regional do Sul, 92,7% dos inquiridos exerce Enfermagem em Portugal, sendo que apenas 3,4% da amostra trabalha fora de Portugal (tabela n.º 16).

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Portugal	216	92,7
Estrangeiro	8	3,4
Total	224	96,1
Sem actividade	9	3,9
Total	233	100,0

Tabela 16 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Sul

Apesar dos números de emigração serem pequenos nesta secção (pelo menos considerando as respostas a este estudo), os países onde incide a escolha dos jovens enfermeiros para trabalhar são: Inglaterra, Espanha, Suíça e Irlanda.

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Espanha	2	0,9
Suíça	2	0,9
Inglaterra	2	0,9
Irlanda	1	0,4
Total	7	3,0

Tabela 17 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Sul

Parte dos enfermeiros que responderam ao inquérito (2,1%) já teve experiências a trabalhar no estrangeiro, em países como Espanha, França e Suíça, estando neste momento a trabalhar em Portugal (Tabela 18).

Local de exercício	N.º de enfermeiros	%
Espanha	1	0,4
França	2	0,9
Suíça	2	0,9
Total	5	2,1

Tabela 18 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Sul

No estudo efectuado, 9,9% da amostra realizou estágio profissional no início da actividade profissional. Os restantes 86,3% referem não ter feito qualquer tipo de estágio profissionalizante, sendo que 3,9% da amostra se refere aos enfermeiros sem actividade profissional em Enfermagem.

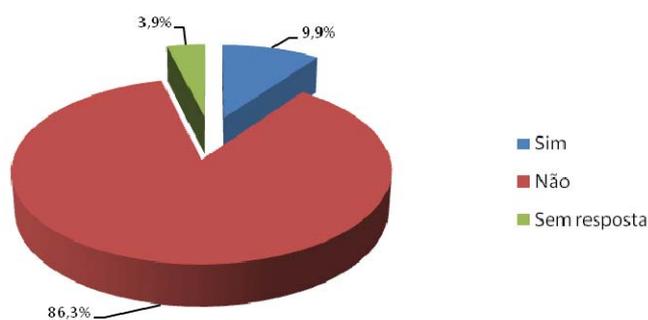


Gráfico 49 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR Sul

Dos inquiridos que fizeram estágio profissional, 74% realizaram-no sob orientação de um tutor enfermeiro, 5% sob orientação de um tutor de outra profissão e 21% sem tutoria

Em relação aos objectivos de estágio, 69% referiram que os objectivos foram definidos no início do estágio e 31% responderam que não houve apresentação ou qualquer definição de objectivos.

No que respeita ao plano de formação, 35% referiram que foi definido um plano e tinha sido ou estava a ser cumprido, 26% referiram que não houve definição de um plano de formação, mas houve formação incluída nas horas de estágio e 39% referiram que não houve plano de formação nem qualquer formação durante o estágio.

Experiências no processo de empregabilidade

Apesar do número de respondentes sem actividade como enfermeiros ser bastante residual na SR Sul, quando perguntamos a estes elementos se já tiveram alguma proposta de trabalho na área ficamos a saber que 30% nunca tiveram uma proposta, que 13% tiveram mas não aceitaram e que 57% já tiveram uma proposta, aceitaram mas por algum motivo estão neste momento desempregados.

Contudo, dos 233 inquiridos ao nível da Secção Regional do Sul, apenas 0,9% não tiveram qualquer proposta de emprego.



Gráfico 50 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho – SR Sul

No processo de procura de emprego foram exigidas, a 91 enfermeiros (39,1%), condições adicionais além dos requisitos legais. Os restantes enfermeiros 60,9% referem que tal não aconteceu.

Destes 91 enfermeiros que responderam afirmativamente, verifica-se que o critério mais requerido foi «Ter residência ou naturalidade na região de influência dessa instituição» - tendo sido assinalada em 58 ocasiões. Logo seguida da condição de «Ter realizado ensino clínico nessa instituição» com 50 sinalizações. O factor «possuir experiência profissional» teve 38 referências. Por fim, no final das mais assinaladas encontra-se o critério de «Ser licenciado por determinada Escola Superior de Enfermagem/Saúde» com 21 referências. Cerca de 10% dos enfermeiros referiram a existência de outros critérios analisados e exigidos no momento da procura de trabalho, nomeadamente: «ser necessário período de integração não remunerado», «ter alguém conhecido na instituição», «ter estágio fora do âmbito académico nessa instituição», «ter conhecimento de diferentes idiomas», «ser de

determinado género», «comprometer-se a não engravidar nos próximos três anos, não ser casado ou com filhos». Também foi exigido a um dos inquiridos a apresentação do Certificado de Habilitações do 12º ano, o que tem revoltado os jovens enfermeiros que justificam que já são licenciado e é evidente que têm o 12º ano.

No que respeita à percepção de discriminação ou de dignidade afectada, 20,6% da amostra respondeu que já teve esse sentimento ao procurar emprego – tabela n.º 19.

	N.º de enfermeiros	%
Sim	48	20,6
Não	185	79,4
Total	233	100,0

Tabela 19 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Sul

Quando solicitados a descrever a situação, mantendo o anonimato das pessoas, os inquiridos identificaram, com maior frequência, algumas situações de discriminação ou lesão à sua dignidade profissional, nomeadamente: desprezo no acto de entrega do currículo e das candidaturas espontâneas (8 referências), a falta de experiência profissional é factor eliminatório, não sendo valorizados os ensinamentos clínicos (8), remuneração oferecida não é compatível com a exigência das competências solicitadas/discriminação salarial (8), necessidade de conhecer alguém dentro da instituição (7) e a inexistência de critérios claros e justos no processo de recrutamento (6).

Outros factores identificados como discriminatórios no processo de procura de emprego, todavia com menor intensidade, foram: a discriminação étnica/xenofobismo, a falta de *feedback* dos currículos entregues, contractos miseráveis, discriminação sexual, discriminação em relação à idade, discriminação em relação às crenças religiosas e/ou políticas, exigência de ter estagiado no Hospital a que se candidata ou ao serviço onde iria iniciar as suas funções, colocação de proposta de colaborar com a instituição a regime voluntariado, morar na área de influência da Instituição a que se candidata, que o inquirido não possuísse família (esposa/marido e filhos) e discriminação em relação à escola de formação.

A situação socioprofissional que os enfermeiros vivenciam actualmente parece ter justificado que 58,8% dos recém-licenciados na SR Sul ponderem abandonar a profissão. Embora 40,8% dos inquiridos negue que alguma vez o tivesse ponderado e 0,4% não respondem à questão (gráfico 51).

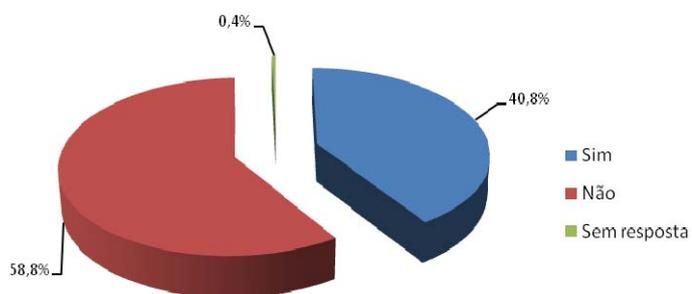


Gráfico 51 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR Sul

Dados Secção Regional da Região Autónoma dos Açores

Ordem dos Enfermeiros



Caracterização da amostra

A amostra do estudo referente à monitorização da situação socioprofissional dos recém-formados contempla um total de 37 inquiridos inscritos na Secção Regional da Região Autónoma dos Açores da Ordem dos Enfermeiros (SRRAA-OE). Estes inquiridos apresentam idades compreendidas entre os 22 e 34 anos, sendo os 24 anos, a idade de final de curso mais representativa. De notar que a representatividade vai crescendo até aos 24 anos, decrescendo a partir da mesma idade.

Relativamente à distribuição da amostra pelo género, nota-se que há um género predominante sendo o sexo feminino o que apresenta maior percentagem (70,3%) indo ao encontro da tendência da profissão.

As 37 pessoas inquiridas terminaram a licenciatura em Enfermagem entre 2007 e 2009, sendo que 43,2% desta amostra terminou o curso em 2009.

Ano do fim do Curso	N.º de enfermeiros	%
2007	12	32,4
2008	9	24,3
2009	16	43,2
Total	37	100,0

Tabela 20 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAA

Independentemente do ano de termo de curso, uma maioria de 83,8% terminou o mesmo em Julho, o que vem de encontro do previsto para término da maioria dos anos lectivos, sendo que os restantes 16,2%, por razões diversas, terminaram noutros meses.

Mês do fim do Curso	N.º de enfermeiros	%
Fevereiro	1	2,7
Junho	3	8,1
Julho	31	83,8
Agosto	1	2,7
Setembro	1	2,7
Total	37	100,0

Tabela 21 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAA

Acesso ao mercado de trabalho

Quase 90% dos inquiridos encontra-se a exercer a profissão de acordo com a licenciatura. Contudo, apesar de licenciados em Enfermagem, 10,8% não estão a exercer funções como enfermeiros – metade desta percentagem, encontra-se sem exercer qualquer tipo de actividade e a outra metade tem outras actividades como docência e tripulante de ambulância.

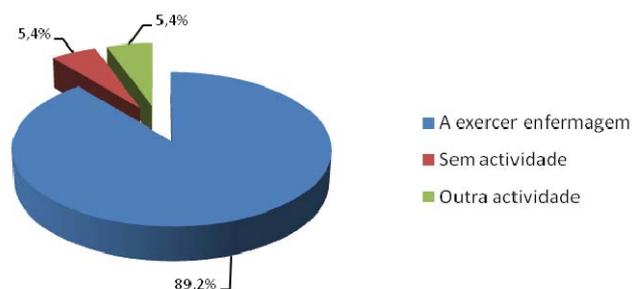


Gráfico 52 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR RAA

Relativamente ao tempo de espera entre o final de curso e a vida profissional, pode-se afirmar que o tempo máximo de espera é de 2 anos, embora 86,4% dos inquiridos acabe por esperar no máximo 1 ano.

Através da observação do gráfico 53 nota-se que o maior número de inquiridos (43,2%) obteve o primeiro emprego num intervalo de tempo de 3 meses após o fim do curso. Ainda assim, 18,9% demoraram até 6 meses para encontrar emprego e 24,3% precisaram de um período entre 6 meses a um ano para o encontrar.

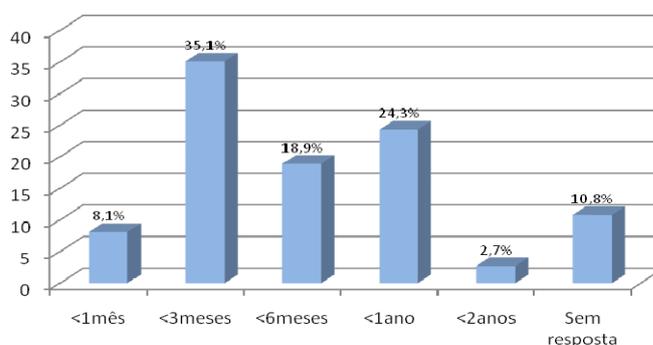


Gráfico 53 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – SR RAA

Contudo, o acesso ao mercado de trabalho nos Açores tem demonstrado ser permeável à admissão de enfermeiros. A distribuição da empregabilidade pelos anos estudados revela sempre números residuais de profissionais sem actividade ou a exercer outra profissão - gráfico 54.

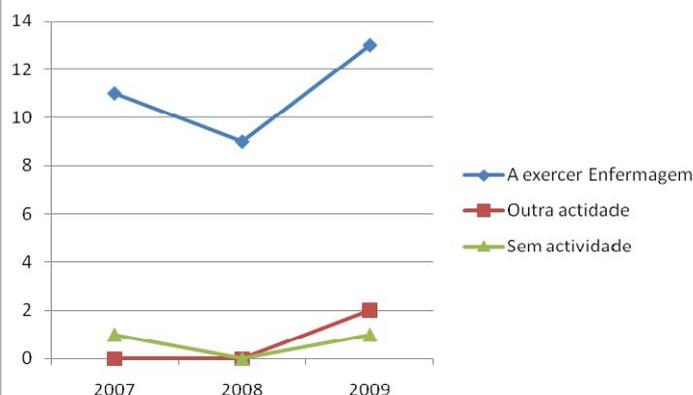


Gráfico 54 - Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional - SR RAA

No que concerne ao local onde os inquiridos obtiveram o primeiro emprego (tabela 22), a maior percentagem dos inscritos na SRRAOE conseguiu efectivamente emprego na região, sendo que 73% iniciaram funções nos Açores.

Torna-se importante realçar que dois dos inquiridos encontraram o primeiro emprego fora de Portugal.

Distrito	N.º de enfermeiros	%
Porto	1	2,7
RA Açores	27	73,0
RA Madeira	1	2,7
Faro	2	5,4
Fora de Portugal	2	5,4
Sem resposta	4	10,8
Total	37	100,0

Tabela 22 - Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego - SR RAA

Caracterização da situação profissional

À data da execução deste estudo, dentro da categoria dos enfermeiros que se encontram a exercer a profissão, uma maior percentagem (45,9%) encontra-se em regime de contrato por tempo indeterminado, o que representa uma grande percentagem com um contrato de maior estabilidade. Com menos estabilidade encontram-se 40,5% dos enfermeiros que apresentam contratos a termo

certo, de prestação de serviços ou exercem num estágio profissional. A percentagem restante encontra-se com outro tipo de vínculo. De registar que cerca de 13,5% da amostra encontra-se a praticar estágio profissional remunerado, prática que tem vindo a crescer na região.

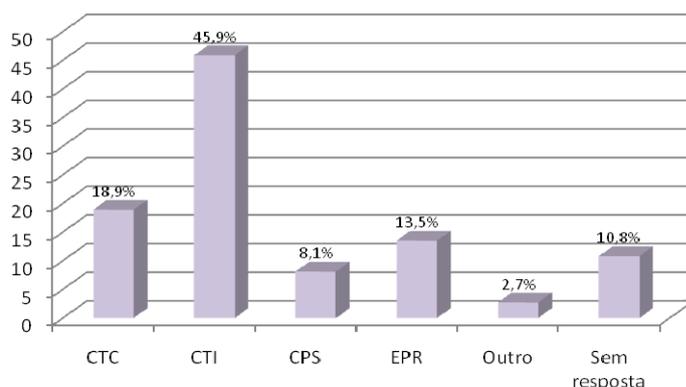


Gráfico 55 - Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual - SR RAA

De salientar, também, que cerca dos 59,5% da amostra encontra-se a fazer 40 horas semanais de trabalho, enquanto 24,3% apresentam um horário de 35h/semanais e apenas 2,7% apresentam um horário com menos de 20h por semana - ver gráfico 56.

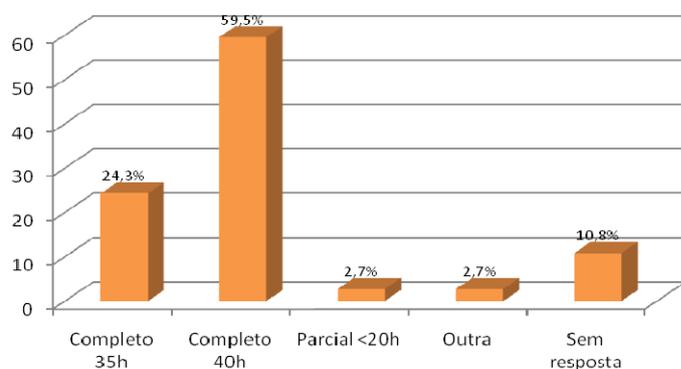


Gráfico 56 - Percentagem de enfermeiros por horário semanal - SR RAA

Na resposta à questão sobre a prática profissional em mais do que um local de trabalho em simultâneo, apenas 8,1% exerce funções em mais do que um local, sendo que a grande maioria (81,1%) exerce em apenas um.

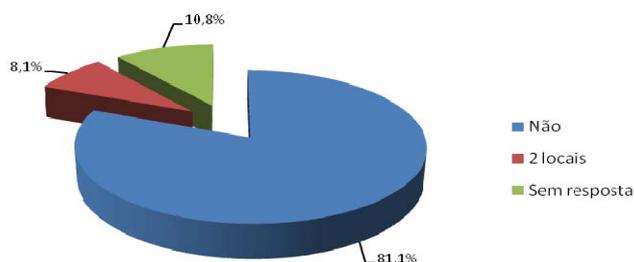


Gráfico 57 - Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo - SR RAA

Relativamente ao local de trabalho, como foi possível constatar anteriormente, 2 dos inquiridos encontram-se a exercer funções no estrangeiro, sendo Espanha e Inglaterra os locais de destino escolhidos.

Dos 37 inquiridos, mais de metade (54,1%) nunca exerceu estágio profissional, embora uma percentagem muito significativa (35,1%) estejam a realizar ou já realizaram esta modalidade de emprego.

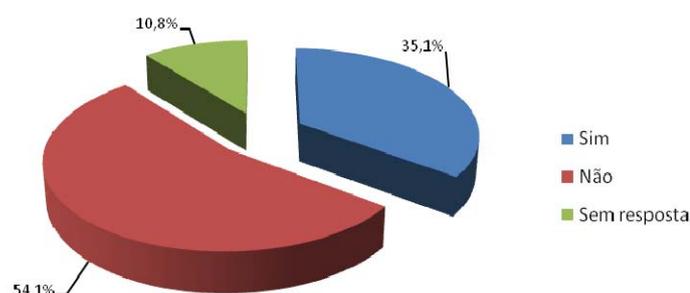


Gráfico 58 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR RAA

Dos enfermeiros que exerceram em estágio profissional, 46,1% realizaram-no sob orientação de um tutor enfermeiro, 7,7% sob orientação de um tutor de outra profissão e 46,1% sem tutor, dado este que reflecte alguma precariedade nas condições de integração e acompanhamento dos inquiridos aquando estágios profissionais.

Em relação aos objectivos de estágio, 92,3% referiram que os objectivos foram definidos no início do estágio e apenas 7,7% referiram que não houve apresentação de objectivos.

No que respeita ao plano de formação, 30,8% referiram que o plano foi definido e tinha sido ou estava a ser cumprido, 23% referiram que não houve plano de formação, mas houve formação incluída nas horas de estágio e 46,2% referiram que não houve plano de formação.

As percentagens apresentadas no que concerne à não definição de objectivos nem elaboração de plano de formação voltam a demonstrar alguma falta de acompanhamento e interesse na evolução/formação dos enfermeiros em estágio profissional.

Experiências no processo de empregabilidade

Durante o processo de procura de emprego, torna-se importante salientar que foram exigidas condições, além dos requisitos legais, a 27% dos inquiridos, sendo que à restante percentagem não foram colocados tais critérios.

Desta percentagem que referiu terem sido exigidas outras condições, quando questionados que condições seriam estas, foram mencionadas as seguintes:

- Conhecer alguém dentro da instituição
- Ter experiência profissional em Enfermagem
- Ter realizado ensino clínico nessa instituição
- Ser licenciado por determinada Escola Superior de Enfermagem/Saúde
- Ter residência ou naturalidade na região de influência dessa instituição

Na tabela 23 podemos constatar que 16,2% dos inquiridos afirmam ter sido alvo de discriminação. Apesar de não ser a maioria dos inquiridos importa continuar a monitorizar esta percentagem em outros estudos.

	N.º de enfermeiros	%
Sim	6	16,2
Não	31	83,8
Total	37	100,0

Tabela 23 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAA

Por fim, quando questionados se já ponderaram abandonar a profissão, 64,9% dos respondeu negativamente, e 35,1% respondeu afirmativamente. Os dados relativos ao desemprego, à precariedade no vínculo contratual, à falta de acompanhamento, os fluxos migratórios, as experiências negativas na procura de emprego, nomeadamente na exigência de condições para além dos requisitos legais ou sentimentos de discriminação podem contribuir para perceber esta vontade de abandono da profissão.

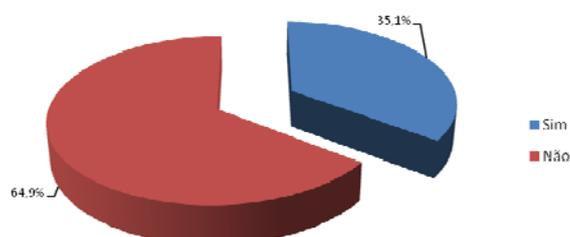


Gráfico 59 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR RAA

Dados Secção Regional da Região Autónoma da Madeira

Ordem dos Enfermeiros



Caracterização da amostra

A amostra correspondente aos jovens enfermeiros da Secção Regional da Região Autónoma da Madeira da OE (SRRAM) que responderam ao questionário é constituída por um total de 29 enfermeiros. Os jovens enfermeiros referentes à SRMOE apresentam idade mínima de 22 e idade máxima de 31 anos, sendo a amplitude de idades de 9 anos e a idade mais frequente é a de 25 anos.

Na distribuição pelo género, a amostra é constituída por 22 enfermeiras e 7 enfermeiros, representando 75,9% e 24,1% da amostra, indo de encontro às características genéricas da profissão de Enfermagem, que é o facto de ser ainda praticada maioritariamente por indivíduos do sexo feminino.

No que respeita ao ano de conclusão da licenciatura em Enfermagem, 17,2% dos respondentes concluíram em 2007 e os restantes 82,8% concluíram, equitativamente, 41,4% em 2008 e 41,4% em 2009.

Ano do fim do Curso	N.º de enfermeiros	%
2007	5	17,2
2008	12	41,4
2009	12	41,4
Total	29	100,0

Tabela 24 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAM

Quanto ao mês em que terminaram a licenciatura, os jovens enfermeiros responderam, terminaram, na sua maioria (69,0%) o curso em Julho, que coincide com o mês de termo do último ano da licenciatura em Enfermagem na maior parte das Escolas Superiores de Enfermagem do País.

Mês do fim do Curso	N.º de enfermeiros	%
Maio	1	3,4
Junho	3	10,3
Julho	20	69,0
Agosto	3	10,3
Outubro	1	3,4
Novembro	1	3,4
Total	29	100,0

Tabela 25 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAM

Acesso ao mercado de trabalho

No que se refere à situação profissional actual dos enfermeiros, 93,1% está a exercer a actividade profissional de Enfermagem, os restantes 6,9% não estão a exercer qualquer actividade. Ao contrário de todas as outras secções regionais da OE, a Madeira não teve respostas de enfermeiros a afirmarem exercerem em outra actividade.

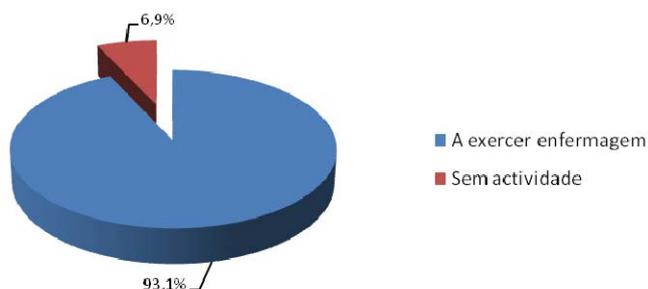


Gráfico 60 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR RAM

Ao observar o gráfico de barras relativo ao tempo que permeou a conclusão da licenciatura e o início da vida profissional podemos verificar que a maior parte dos enfermeiros respondentes (62,1%) esperaram entre 6 meses a 1 ano para dar início a sua vida profissional como enfermeiros. Este tempo de espera é maior do que as restantes secções, ou seja, apesar do índice de empregabilidade ser maior que no resto do País a transição escola/emprego não é a mais rápida.

De realçar o facto de 3,4% dos enfermeiros respondentes terem esperado entre 1 a 2 anos para poderem iniciar a sua actividade profissional. Durante esse tempo ficaram desempregados ou a exercer outra actividade não aplicando os conhecimentos adquiridos durante o curso na prática da profissão.

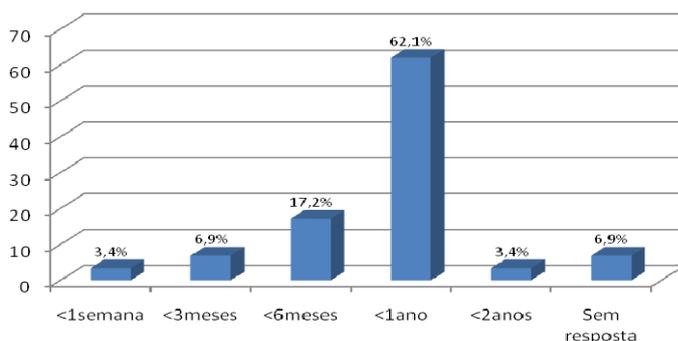


Gráfico 61 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o início da vida profissional - SRRAM

O gráfico em baixo, apresenta a relação entre o ano de fim de curso e a empregabilidade. Neste verifica-se que os enfermeiros que concluíram o curso em 2007 e 2008 se encontram empregados na totalidade. Apenas 16,67% dos enfermeiros formados em 2009 ainda procuram emprego como enfermeiros.

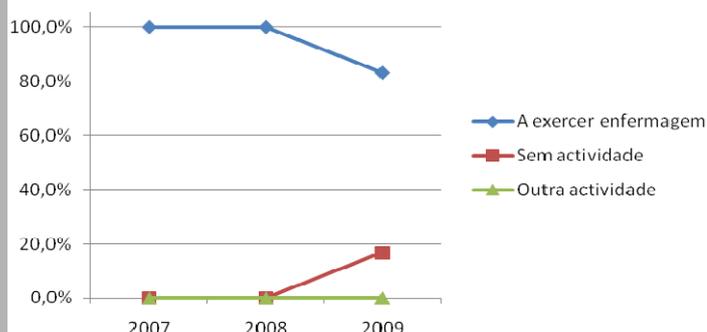


Gráfico 62 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR RAM

Pela observação da tabela em baixo, podemos facilmente constatar que a maioria dos enfermeiros inscritos na SRRAMOE (86,2%) encontrou o seu primeiro emprego nesta Região Autónoma. O que indica que o Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira, ainda que seja o único serviço público na Região, tem capacidade para empregar os profissionais de Enfermagem.

Distrito	N.º de enfermeiros	%
Lisboa	1	3,4
Setúbal	1	3,4
RA Madeira	25	86,2
Sem resposta	2	6,9
Total	29	100,0

Tabela 26 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR RAM

Caracterização da situação profissional

A grande maioria dos enfermeiros da SRRAMOE (72,4%) referiu que o seu vínculo contratual é um contrato individual de trabalho por tempo indeterminado, seguindo-se os que possuem um contrato a termo certo (10,3%).

Em igual percentagem (3,4%) estão os enfermeiros cujo vínculo é por contrato de prestação de serviços e os que exercem em estágio profissional remunerado. Estão

incluídos na resposta «Outro» os enfermeiros cuja situação laboral é marcada por exercício liberal, estágio

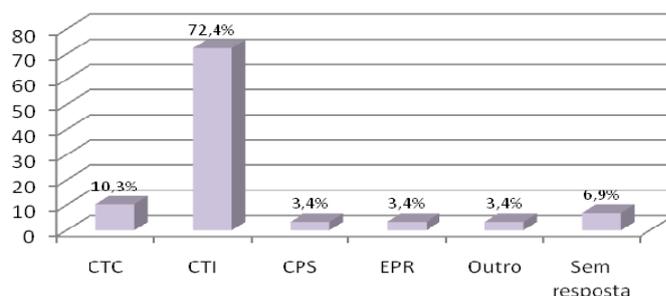


Gráfico 63 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – SR RAM profissional não remunerado ou regime de voluntariado.

Quanto ao tipo de horário, a maioria dos enfermeiros respondentes da SRMOE (86,2%) trabalha 35 horas semanais. Uma minoria de 3,4% trabalha com regime de horário parcial num total inferior a 10 horas semanais. Estes resultados vão de encontro ao mais comum no SESARAM, E.P.E. (Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira), que é, efectivamente, o horário de

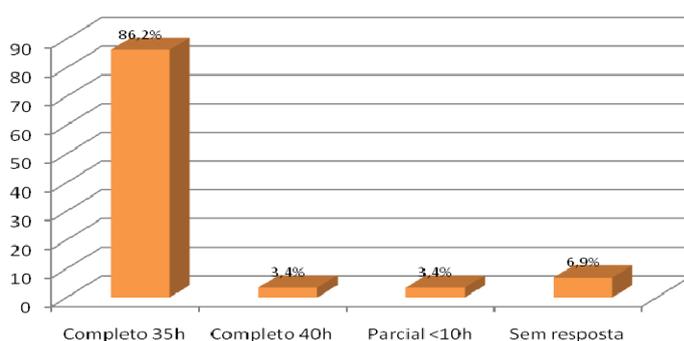


Gráfico 64 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – SR RAA 35 horas semanais.

Em relação ao exercício profissional em mais do que um local pelo mesmo enfermeiro, na SRRAMOE apenas 3,4% exerce em dois locais, a grande maioria (89,7%) exerce apenas em um local, como é possível constatar no gráfico seguinte. Os 6,9% que não responderam

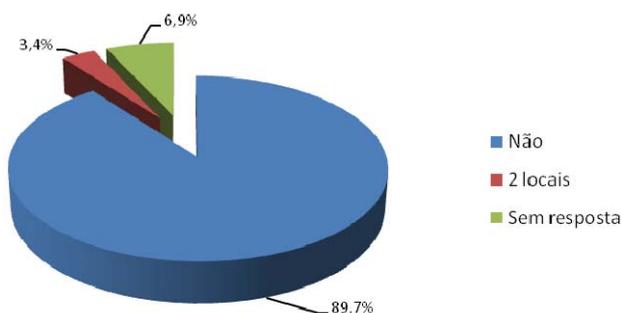


Gráfico 65 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo – SR RAM

correspondem aos enfermeiros sem actividade.

Dos enfermeiros inquiridos nesta secção, todos trabalham em Portugal, não tendo sido identificado nenhum enfermeiro emigrante.

Quando questionado acerca da realização de estágio profissional, a maioria dos enfermeiros respondeu que nunca exerceu funções de enfermeiro neste contexto

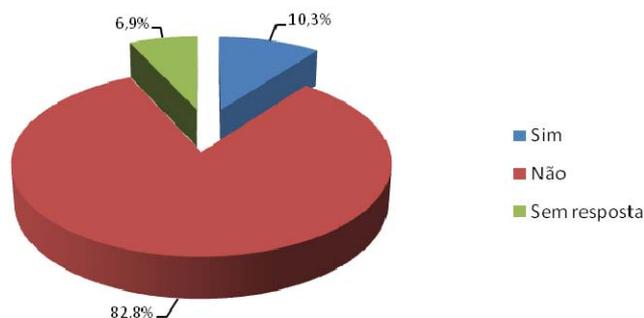


Gráfico 66 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR RAM

(82,8%). Os que exerceram estágio profissional totalizaram 10,3% da amostra.

Dos que responderam que fizeram estágio profissional, todos responderam que a orientação foi realizada por um tutor enfermeiro, sendo que os objectivos foram definidos no início do estágio e que o plano de formação definido tinha sido ou estava a ser cumprido.

Experiências no processo de empregabilidade

Pela tabela apresentada seguidamente, podemos observar que a 24,1% dos enfermeiros da SRMOE foram exigidas outras condições além das que estão estabelecidas pelos requisitos legais no processo de candidatura a uma vaga para enfermeiro.

Os que responderam afirmativamente referiram que as condições exigidas além dos requisitos legais foram:

- Ser licenciado por determinada Escola Superior de Enfermagem/Saúde;
- Ter realizado ensino clínico nessa instituição;
- Ter residência ou naturalidade na região de influência dessa instituição;
- Ter experiência profissional em Enfermagem.

Ainda assim, à maioria dos enfermeiros respondentes (75,9%) não foram exigidas outras condições.

Quando questionados acerca da existência de discriminação ou de afecção da dignidade profissional durante a procura de emprego os enfermeiros da SRMOE responderam, na sua maioria, que não tinham sentido atitudes ou comportamentos indicadores de discriminação.

Porém, 17,2% referiu que se sentiram discriminados. Neste sentido, apenas 3 identificaram as situações como discriminatórias, 2 deles referiram que se sentiram discriminados pelo facto de terem feito a licenciatura em Portugal Continental e 1 respondeu que sentiu

	N.º de enfermeiros	%
Sim	5	17,2
Não	24	82,8
Total	29	100,0

Tabela 27 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAM

discriminação uma vez que não é dada oportunidade para demonstrar o valor profissional dos recém-formados.

No gráfico 67 podemos observar que 17,2% dos enfermeiros que responderam ao questionário ponderaram já abandonar a profissão, enquanto 82,8% não o fez.

Embora não seja maioritária a percentagem dos que já ponderaram exercer outra actividade que não a

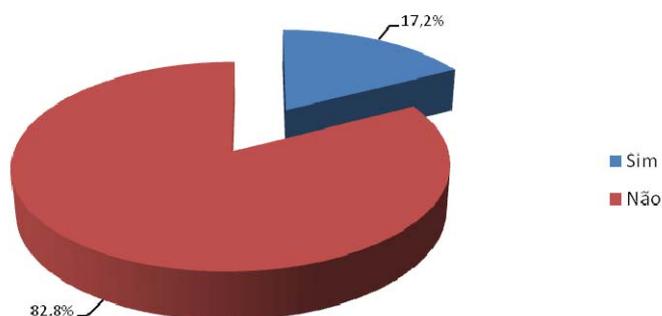


Gráfico 67 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR RAM

Enfermagem, é, ainda assim, preocupante que, por algum motivo, estes enfermeiros, com menos de 3 anos de profissão, já consideraram abandoná-la.

Conclusão

O relatório da OIT sobre as tendências de emprego jovem, já citado, afirmava que os jovens sofrem de forma desproporcional de défices de trabalho digno, medido em termos de pobreza e empregabilidade. Prevê ainda que o desemprego jovem, criado pela actual crise económica, seja mais difícil de ultrapassar que o desemprego na restante população.

Neste mesmo sentido, a Ordem dos Enfermeiros tomou posição em Assembleia Geral de 15 de Março de 2008 sobre este tópico e que se cita:

«A definição de uma verdadeira política de gestão de recursos humanos que responda adequadamente às necessidades em cuidados da população, e que evite o desperdício das competências dos enfermeiros, nomeadamente nos CSP e nos CCI. É inadmissível que haja jovens licenciados no desemprego quando as necessidades não estão cobertas e a qualidade e a segurança dos cuidados não está assegurada.»

O estudo que agora se publica quando comparado com o estudo anterior realizado em 2009 identificou um conjunto de indicadores-chave que citamos:

- Há 19% de jovens enfermeiros que não estão a exercer a profissão.
- Esta percentagem sobe para 29% quando consideramos apenas os enfermeiros formados em 2009. São os enfermeiros formados neste ano que representam a grande maioria de enfermeiros sem actividade em Enfermagem;
- Houve um aumento considerável do hiato temporal que separa o final da formação académica da primeira experiência profissional;
- Apesar deste aumento do período de tempo sem exercício profissional, a percentagem de enfermeiros sem emprego um ano após terminarem o curso torna-se residual em quase todo o País, excepto no Norte, onde ainda assume um valor significativo;
- A emigração de enfermeiros praticamente triplicou desde o estudo anterior (5% para 13%), com maior impacto nos enfermeiros do Norte do País;

- Houve um aumento dos estágios profissionais em relação ao estudo anterior (10% para 14,4%) e desregulação do modo como estes decorrem, nomeadamente pela falta de objectivos pedagógicos e de planeamento do desenvolvimento de competências;

- As instituições continuam a criar critérios de eliminação de enfermeiros que não estão ligados ao desempenho académico ou profissional, nomeadamente: a região de naturalidade;

- As instituições condicionam igualmente a entrada a enfermeiros sem experiência profissional, isto é particularmente evidente no Norte e Centro;

- Houve um aumento considerável (26% para 34%) da percepção de discriminação pelos enfermeiros no processo de procura de emprego, entre o estudo deste ano e o do ano anterior;

- 41,5% dos jovens profissionais pondera ou já ponderou abandonar a profissão.

A percentagem de enfermeiros que respondeu a este estudo foi relativamente pequena, cerca de 10% da população, o que constitui uma limitação do estudo. Contudo, o número de respostas (945) não deixa de ser significativo e indica tendências que não devem ser ignoradas.

O novo Código de Recrutamento Internacional, publicado pela organização Mundial de Saúde, prevê no seu artigo 5.6 «Os estados-membros deverão considerar a adopção e implementação de medidas efectivas, dirigidas ao reforço dos sistemas de saúde, à monitorização contínua do mercado laboral da saúde, e à coordenação entre todas as partes interessadas para desenvolver e reter uma força de trabalho da saúde responsiva às necessidades de saúde da população.»

Estas medidas de monitorização e acção na gestão de recursos humanos em saúde são urgentes e fundamentais para evitar o descontrolo e agravamento destes indicadores-chave da situação profissional dos jovens enfermeiros.

A manutenção do número de licenciados que anualmente são formados nas escolas de Enfermagem portuguesas é

um indicador importante quando cruzado com a actual crise económica e a dificuldade de absorção pelo mercado laboral dos jovens profissionais.

É neste contexto que a OCDE relembra que esta crise pode ser uma oportunidade para alterar os factores que afectam a transição entre escola e trabalho.

Para finalizar e novamente citando o estudo da OIT realça-se que «pode faltar experiência aos jovens mas eles tendem a estar altamente motivados e são capazes de oferecer novas ideias e visões. São condutores do desenvolvimento económico de um País. Adiar este potencial é um desperdício económico.»

É neste espírito que terminamos este documento, considerando que estes dados podem apoiar uma avaliação mais correcta das dificuldades que atravessam os jovens profissionais e ser motor de mudanças.



Índice de tabelas

Tabela 1 – Frequência e percentagem de enfermeiros pela idade - dados nacionais	12
Tabela 2 – Distribuição e percentagem de respostas por Secção Regional	13
Tabela 3 – Frequência e percentagem de enfermeiros por país onde exercem – dados nacionais	16
Tabela 4 – Distribuição por frequência e percentagem de respostas à pergunta se lhe foram exigidas condições além dos requisitos legais nas candidaturas a emprego – dados nacionais.....	16
Tabela 5 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Norte	20
Tabela 6 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Norte	21
Tabela 7 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Norte	21
Tabela 8 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Norte	21
Tabela 9 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Norte	22
Tabela 10 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Centro	25
Tabela 11 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Centro	26
Tabela 12 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Centro	26
Tabela 13 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Centro	27
Tabela 14 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR Sul	29
Tabela 15 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Sul	30
Tabela 16 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Sul	31
Tabela 17 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Sul	31
Tabela 18 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Sul	31
Tabela 19 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Sul	32
Tabela 20 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAA	35
Tabela 21 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAA	35
Tabela 22 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR RAA	36
Tabela 23 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAA	37
Tabela 24 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAM	39
Tabela 25 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAM	39
Tabela 26 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR RAM	40
Tabela 27 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAM	41

Índice gráficos

Gráfico 1 – Índice de desemprego por grupo etário, <i>EU Youth Report 2010</i>	9
Gráfico 2 – Índice de desemprego (15-24 anos) por país, <i>EU Youth Report 2010</i>	9
Gráfico 3 – Percentagem de jovens (15-24 anos) com emprego temporário porque não encontram um emprego permanente, <i>EU Youth Report 2010</i>	10
Gráfico 4 – Distribuição de enfermeiros pelo ano de fim do curso – dados nacionais	12
Gráfico 5 – Distribuição de enfermeiros pelo mês de fim do curso – dados nacionais	12
Gráfico 6 – Distribuição pelo distrito de implantação da escola	13
Gráfico 7 – Distribuição dos enfermeiros por situação profissional	13
Gráfico 8 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional	13
Gráfico 9 – Relação entre a Secção Regional e a percentagem de enfermeiros que não estão a exercer a profissão ..	13
Gráfico 10 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – comparação entre os dados do estudo de 2009 e o de 2010	14
Gráfico 11 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego	14
Gráfico 12 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – dados nacionais	14
Gráfico 13 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – dados nacionais	15
Gráfico 14 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo	15
Gráfico 15 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho	15
Gráfico 16 – Percentagem de enfermeiros por país de destino	16
Gráfico 17 – Distribuição de enfermeiros pela resposta à pergunta exerce ou já exerceu em estágio profissional – dados nacionais.....	16
Gráfico 18 – Número de enfermeiros em estágio profissional por Secção Regional – dados nacionais.....	16
Gráfico 19 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – dados nacionais	17
Gráfico 20 – Distribuição dos enfermeiros pelo ano de fim de curso – SR Norte	19
Gráfico 21 – Distribuição dos enfermeiros pelo mês de fim de curso – SR Norte	19
Gráfico 22 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR Norte	19
Gráfico 23 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR Norte	19
Gráfico 24 – Percentagem de enfermeiros relacionado com o hiato temporal entre o fim do curso e o primeiro emprego – SR Norte	20
Gráfico 25 – Percentagem de enfermeiros por vínculo laboral actual – SR Norte	20
Gráfico 26 – Percentagem de enfermeiros por horário semanal – SR Norte.....	20
Gráfico 27 – Percentagem de enfermeiros por número de empregos em simultâneo – SR Norte	21
Gráfico 28 – Percentagem de enfermeiros que exerceram em estágio profissional – SR Norte.....	21
Gráfico 29 – Percentagem de enfermeiros pela resposta à pergunta se já teve alguma proposta de trabalho – SR Norte	22
Gráfico 30 – Percentagem de enfermeiros que já ponderaram abandonar a profissão – SR Norte	22
Gráfico 31 – Distribuição dos enfermeiros pelo ano de fim de curso – SR Centro	24
Gráfico 32 – Distribuição dos enfermeiros pelo mês de fim de curso – SR Centro	24
Gráfico 33 – Distribuição dos enfermeiros pela situação profissional – SR Centro	24
Gráfico 34 – Relação entre o ano de fim de curso e a situação profissional – SR Centro	24

Índice de tabelas

Tabela 1 – Frequência e percentagem de enfermeiros pela idade - dados nacionais	12
Tabela 2 – Distribuição e percentagem de respostas por Secção Regional	13
Tabela 3 – Frequência e percentagem de enfermeiros por país onde exercem – dados nacionais	16
Tabela 4 – Distribuição por frequência e percentagem de respostas à pergunta se lhe foram exigidas condições além dos requisitos legais nas candidaturas a emprego – dados nacionais.....	16
Tabela 5 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Norte	20
Tabela 6 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Norte	21
Tabela 7 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Norte	21
Tabela 8 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Norte	21
Tabela 9 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Norte	22
Tabela 10 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Centro	25
Tabela 11 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Centro	26
Tabela 12 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Centro	26
Tabela 13 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Centro	27
Tabela 14 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR Sul	29
Tabela 15 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR Sul	30
Tabela 16 – Distribuição de enfermeiros pelo local de exercício profissional – SR Sul	31
Tabela 17 – Percentagem de enfermeiros pelo país onde exercem – SR Sul	31
Tabela 18 – Distribuição de enfermeiros pelo país onde exerceram no passado – SR Sul	31
Tabela 19 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR Sul	32
Tabela 20 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAA	35
Tabela 21 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAA	35
Tabela 22 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR RAA	36
Tabela 23 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAA	37
Tabela 24 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo ano de fim do Curso – SR RAM	39
Tabela 25 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros pelo mês de fim do Curso – SR RAM	39
Tabela 26 – Distribuição de enfermeiros pelo distrito onde encontraram o primeiro emprego – SR RAM	40
Tabela 27 – Distribuição por frequência e percentagem de enfermeiros que perceberam discriminação ou se sentiram afectados na sua dignidade profissional durante a procura de emprego – SR RAM	41

Bibliografia

- Diário Económico, *Programa de estágios para jovens alargado às autarquias*, 13 de Agosto de 2010, pág. 14
- Direcção Geral de Ensino Superior – *Dez anos de concurso nacional 2000-2009* – online [Acedido em 1 de Agosto de 2010] http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/039A454A-C7D8-46AB-BB43-636C2E4AF30C/4576/DGESacesso_DezAnosCN_0009.pdf
- Comissão Europeia; *EU Youth Report*; European Communities, 2009, Luxemburgo; ISBN 978-92-79-12611-6
- Instituto Nacional de Estatística, *Estatística do Emprego – 2.º trimestre 2010*, [Acedido em 1 de Agosto de 2010] www.ine.pt
- Jornal I, *Fuga em massa do mercado laboral*, 18 de Agosto 2010, pág. 14 a 17
- Jornal de Notícias, *Enfermeiros emigram para Inglaterra*, 15 Agosto 2010, pág. 8, ISSN 0874-1352
- Ordem dos Enfermeiros, *Medidas Políticas para o Reconhecimento e Consolidação da Profissão de Enfermagem*; online [Acedido em 10 de Junho de 2010]; http://www.ordemenfermeiros.pt/tomadasposicao/Documents/tomada_posicao_medidas_politicas.pdf.
- Ordem dos Enfermeiros, *Tomada de Posição aprovada na AG de 15 de Março de 2008*, online [Acedido em 10 de Junho de 2010]; http://www.ordemenfermeiros.pt/tomadasposicao/Documents/TomadaPosicao_15Mar2008.pdf
- Organização Internacional de Trabalho, *Global Employment Trends For Youth*; ILO; Genebra, Agosto 2010; ISBN – 978-92-2-123856-0
- Organização Mundial de Saúde, *WHO Global Code of Practice on the International Recruitment of Health Personnel*, online [Acedido a 1 de Agosto 2010] http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA63/A63_R16-en.pdf
- Parlamento Europeu; *Emilie Turunen e o desemprego entre os jovens: uma mensagem da sociedade a dizer "não precisamos de ti"*; online [Acedido a 2 de Julho de 2010]; http://www.europarl.europa.eu/news/public/focus_page/008-76988-176-06-26-901-20100625FCS76850-25-06-2010-2010/default_p001c002_pt.htm
- Portaria n.º 681/2010 de 12 Agosto, Diário da República, 1.ª série – n.156
- Scarpetta S., et al. «*Rising Youth Unemployment During The Crisis: How To Prevent Negative Long-Term Consequences On A Generation?*» Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, Paris, Abril de 2010, OECD SOCIAL, EMPLOYMENT AND MIGRATION PAPERS, NO. 106.; online [acedido em 1 de Agosto 2010]; www.oecd.org/els/workingpapers



Avenida Almirante Gago Coutinho, 75
1700—028 Lisboa

Telefone - 21 84 55 230
Fax - 21 84 55 259